

PONTIFÍCIA UNIVESIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COGEAE

Semiótica Psicanalítica - Clínica da Cultura

NEUSA CRISTINA TREVISAN

**Amor sem anestesia: considerações teóricas sobre a paixão
amorosa**

São Paulo
2015

NEUSA CRISTINA TREVISAN

Amor sem anestesia: considerações teóricas sobre a paixão amorosa.

Monografia apresentada no curso de pós-graduação à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – COGEAE, para a conclusão do curso de Semiótica Psicanalítica - Clínica da Cultura. Orientação: Prof. Dr. Claudio César Montoto.

São Paulo
2015

ontem, hoje, amanhã : a vida inteira
a quem, senão a você?

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Claudio César Montoto por ter me proporcionado a realização deste trabalho sob sua orientação, pelos ensinamentos inestimáveis durante o curso e por sempre trazer a paixão em suas falas.

A todos os professores e colegas do curso de "Semiótica psicanalítica - clínica da cultura" que ao longo de dois anos me ensinaram, cada um a sua maneira, preciosas lições.

À minha família, por todo o apoio, paciência e compreensão. Sem vocês nada seria possível. Agradeço especialmente à minha vó (mãe) por ter permitido a invasão de livros em seu escritório, por me dar tanto carinho, amor e os mais belos ensinamentos.

Aos meus amigos que sempre me acompanham, especialmente a Alvaro Tavares, que não cansa de me ensinar o que eu insisto não aprender. Obrigada por sua força, coragem e persistência.

E, por fim, a todas as pessoas que já viveram uma paixão.

Abre-te, mundo de Paixões:

*- Vós, visões sonhadas e, mesmo assim vividas,
Deixai vossos lábios presos aos meus com fervor;
Bebei sangue, do sangue e hálito da minha boca!*

*Irrompei da meia luz de vossas trevas.
E não vos intimideis da tortura que, sombria, vos circunda.
Quem ama o amor, da sua tormenta não quer se privar.
O que vos perturba é aquilo que a vós me une.*

*Só a Paixão que o seu túmulo encontra
Consente que se inflame sua última entidade.
Só quem em tudo se perde, é quem a si se reverte.*

*Inflamai-vos! Somente em vos inflamando
Conhecereis, em sua profundidade, o mundo,
Pois, só onde reinam os mistérios é o início da vida.*

(Amok - Stefan Zweig)

RESUMO

Neste trabalho, abordamos o tema da paixão amorosa a partir de diferentes referenciais teóricos como a neurologia, filosofia e psicanálise. Inicialmente, tentamos investigar o início da paixão amorosa para em seguida nos aproximarmos das ideias filosóficas e psicanalíticas acerca do tema em questão. Por fim, discorremos sobre a ligação entre a paixão amorosa, o sofrimento e os crimes passionais.

palavras chave: Paixão, paixão amorosa, sofrimento, filosofia, psicanálise.

ABSTRACT

In this thesis, we approach the theme of passionate love from different theoretical perspectives such as neurology, philosophy and psychoanalysis. First we tried to investigate the beginning of a passion and then we approached philosophical and psychoanalysis ideas about the subject. Lastly, we analyzed the link between passion, suffering and crimes of passion.

Keywords: passionate love, suffering, philosophy, psychoanalysis

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 "PORQUE ERA ELA, PORQUE ERA EU"- QUANDO CHEGA A PAIXÃO AMOROSA	11
2.1 QUE NÃO SEJA IMORTAL, POSTO QUE É CHAMA...	14
2.2 STENDHAL, O AMOR-PAIXÃO E AS CARTAS PORTUGUESAS	16
3 PAIXÃO E (UM POUCO DE) FILOSOFIA	20
3.1 ENTÃO A PSICANÁLISE...	25
4 PAIXÃO AMOROSA E PSICANÁLISE	27
4.1 VERLIEBTHEIT - FREUD E A PAIXÃO AMOROSA.	27
4.2 LIBIDO E ECONOMIA	29
4.3 NARCISISMO E ESCOLHA DE OBJETO	30
4.4 OS IDEAIS	32
4.5 (1921)	34
4.6 SOBRE O AMOR E A PAIXÃO AMOROSA	36
4.7 LEJARRAGA: AMOR- "IDEAL DO EU / PAIXÃO- "EU IDEAL"	36
4.8 AULAGNIER - SIMETRIA / ASSIMETRIA	38
5 O SOFRIMENTO E A PAIXÃO	40
5.1 A PAIXÃO DE AMOR	42
5.2 O CRIME PASSIONAL	46
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
7 REFERÊNCIAS	54

1 INTRODUÇÃO

"É belo vês o amor sem anestesia: dói de bom, arde de doce, queima, acalma, mata, cria." Este fragmento da música "Estado de poesia" (escrita por Chico César e cantada lindamente por Maria Bethânia) ilustra com precisão e simplicidade as artimanhas da paixão amorosa.

"Amor sem anestesia" nos diz canção; assim podemos pensar a paixão amorosa, que está no campo do amor, mas dispõe de algo diferente. Para muitas pessoas a paixão seria o amor em seu ápice, uma forma mais intensa de amar; para outras, a paixão pode ser impetuosa, um tipo de amor desmedido que pode nos fazer renunciar até à vida em nome do ser amado.

Mais presente na maioria das vezes no início dos relacionamentos, sabemos que a paixão amorosa tem um fim ou acaba por se transformar em algo diferente. Sua força pode ser tão voraz que leva o sujeito a cometer atos antes por ele impensáveis (bons ou ruins) e a viver uma série de contradições dentro de si mesmo ("dói de bom, arde de doce, queima, acalma, mata, cria") que fogem à nossa lógica cotidiana.

Um estudo antropológico realizado por Jankowiak & Fischer (1992), após analisarem 168 culturas diferentes constatou que, em 88,5% dessas sociedades podemos encontrar o amor romântico. Ou seja, podemos pensar que o amor é um atributo humano e, se enleada ao amor está a paixão, dificilmente alguém passará pela vida sem ser atingido (direta ou indiretamente) por ela.

Em um excelente estudo sobre a etimologia das paixões, Bordelois (2007), nos explica algumas origens da palavra paixão: primeiramente temos o grego *pathos* - que significa padecer e quando relacionado o verbo *pascho* significa sofrer, padecer, suportar. A raiz *path* será aquela que contribui na identificação da paixão com a passividade, a doença e o sofrimento.

Para traduzir o grego *Pathos*, o latim eclesiástico utiliza a forma *Passio*, *passionis*, antecedente da nossa já conhecida *paixão*, que se aplica à Paixão de Cristo e também significa movimento da alma. A palavra *paixão* utilizada por nós nos dias de hoje se relaciona com numerosos descendentes de *pathos*, encabeçando ou arrematando certos lexemas complexos, como por exemplo, a simpatia, apatia, homeopatia, alopatia e patologia (ou seja, a teoria e o estudo

de doenças ou afecções do organismo). Em suas origens latinas, *passio* indica antes de tudo *passividade* e *sofrimento*; a paciência (*patientia*) derivada de *passio*, significava não apenas sofrimento, constância e tolerância, mas também submissão e servilismo. O sofrimento é uma das formas do passivo, que origina dor e humilhação na medida em que não podemos enfrentá-lo. "A doença, ao mesmo tempo em que nos faz perder o controle sobre nosso corpo, também humilha e acrescenta a dor" (BORDELOIS, 2007, p.63).

O dicionário Michaelis define a paixão da seguinte maneira:

1 Sentimento forte, como o amor, o ódio etc. 2 Movimento impetuoso da alma para o bem ou para o mal. 3 Mais comumente paixão designa amor, atração de um sexo pelo outro. 4 Gosto muito vivo, acentuada predileção por alguma coisa. 5 A coisa, o objeto dessa predileção. 6 Parcialidade, prevenção pró ou contra alguma coisa. 7 Desgosto, mágoa, sofrimento prolongado. 8 Os tormentos padecidos por Cristo ou pelos mártires.

A paixão, em um sentido mais geral e dependendo de quem a define, é capaz de contemplar diversas emoções (amor, ódio, felicidade, etc.) ,pode também eleger diferentes objetos (posso ser apaixonado por carros, jogos, bolsas etc.). No presente estudo, escolhemos discorrer sobre o que chamamos de "paixão amorosa" ou "paixão de amor", quando o objeto da paixão é o amor.

No primeiro capítulo faremos um pequeno estudo sobre o momento inicial da paixão amorosa abordando o tema sob uma perspectiva psicológica e também biológica.

Em seguida, utilizaremos a filosofia justamente para entender o conceito mais geral de paixão como faziam os filósofos. Veremos brevemente como alguns pensadores questionavam as paixões e suas influências sobre nós.

Já no terceiro capítulo, nos aprofundaremos no tema da paixão no âmbito amoroso seguindo o ponto de vista da psicanálise freudiana e de autores que se baseiam nesta teoria para melhor elucidar a paixão amorosa e diferenciá-la do amor.

Por fim, faremos considerações sobre a paixão amorosa e o sofrimento, destacando também os crimes passionais.

2 "PORQUE ERA ELA, PORQUE ERA EU"- quando chega a paixão amorosa

Não se sabe, e provavelmente nunca vamos saber, por qual motivo exato uma pessoa estranha e desconhecida (ou até mesmo um conhecido) de repente torna-se o centro de nosso universo capturando todos (ou quase todos) os nossos pensamentos. Uma vez que não encontraremos uma só razão ou verdade definitiva, podemos refletir e teorizar para tentar uma aproximação e um pouco mais de esclarecimento sobre como se dá a paixão amorosa e o processo de apaixonamento.

Segundo o dicionário de português Houaiss (2015), o apaixonamento é definido como um ato ou efeito de apaixonar-se, inspiração ou sentimento de paixão ou de amor ardente. Já no dicionário Michaelis (2015), o apaixonamento é definido simplesmente como um estado de paixão.

Francesco Alberoni, sociólogo italiano, escreve um brilhante ensaio¹ publicado em 1979, no qual aborda o processo de apaixonamento no plano psicológico e nos fornece interpretações abrangentes e plausíveis.

Segundo Alberoni (1986), não importa quem seja a pessoa que escolhemos, na paixão nasce uma força terrível que nos leva a uma fusão e nos torna insubstituíveis e únicos um para o outro. Nós nos apaixonamos porque de algum modo estamos insatisfeitos com o que somos e com o que temos. O apaixonamento surge de uma sobrecarga depressiva, de uma impossibilidade de encontrar alguma coisa de valor na vida cotidiana.

Para o autor, se estamos (mesmo parcialmente) satisfeitos com nossas vidas, não nos apaixonaremos. Ele nos diz que deve existir um tipo de "preparação" antes da paixão se abrigar em nós que consistiria em um profundo sentimento de nulidade fazendo com que reagíssemos com tristeza e com um recolhimento a nós mesmos. Assim, pode acontecer de olharmos ao redor e nos darmos conta de que as demais pessoas são felizes. Eis então um sinal: quando estamos predispostos ao apaixonamento somos levados a sentir esta felicidade alheia de maneira dolorosa e até mesmo a invejamos. Os desejos e satisfações intensos que percebemos nos outros são, na verdade, nossos próprios e a nossa capacidade renovada de viver intensamente: "a

¹ Título original: "Innamoramento e amore", traduzido no Brasil como "Enamoramento e amor". Consideramos os termos enamoramento e apaixonamento como sinônimos.

propensão ao enamoramento, portanto, não se revela na vontade de se enamorar, mas na percepção da intensidade vital do mundo e da sua felicidade, no sentimento de exclusão desse mundo e na inveja dessa felicidade com a certeza de que lhe é inacessível " (ALBERONI, 1981, p. 47). Somente quem está perdendo sua existência pode apaixonar-se e , deste modo, nos apaixonamos porque queremos superar a "morte" dentro de nós e queremos nos reintegrar ao ciclo dinâmico da vida, queremos nos renovar. Em resumo, para o sociólogo italiano, O apaixonamento nasceria de uma sobrecarga depressiva fazendo com que o sujeito fique então disposto a arriscar-se e dar-se inteiramente ao outro.

Alberoni (1981) ainda nos propõe algo diferente dizendo que o apaixonamento pode ser incluído dentro da classe dos fenômenos coletivos, ou seja, um *caso especial* de movimento coletivo. Entre o apaixonamento e os fenômenos coletivos existe um elo bem estreito, uma vez que o tipo de forças atuantes tem a mesma violência, determinação e pertencem à mesma classe: sentimentos de solidariedade, renovação e alegria de viver são bastante semelhantes em ambos os casos. A principal diferença é que os movimentos coletivos são constituídos por muitas pessoas e estão sempre abertos a novos integrantes, enquanto que o apaixonamento acontece somente entre duas pessoas.

Alguns sociólogos já analisaram os movimentos coletivos e descreveram o tipo de experiência específica que tais movimentos produzem. Por exemplo, Durkheim, comentando os estados de efervescência coletiva, escreve: "O homem tem a impressão de estar dominado por forças que não reconhece como suas; forças que o arrastam e que ele não domina (...) sente-se transportado a um mundo diferente daquele em que vive sua existência privada. A vida aqui não é somente intensa, mas qualitativamente diferente (...) perde o interesse por si mesmo e se entrega inteiramente aos fins comuns (...) [As forças] criam a necessidade de expansão através de movimentos sem qualquer finalidade aparente (...) Nesses momentos, essa vida superior é vívida com tal intensidade e de maneira tão exclusiva que ocupa quase por completo a consciência, da qual expulsa quase por completo as preocupações pessoais e egoísticas." Durkheim não se referia evidentemente ao apaixonamento mas à Revolução Francesa e a outros movimentos revolucionários. Esse fenômeno que Durkheim descreve é bem conhecido. Podemos encontrá-lo não somente nos grandes processos históricos, como a Revolução Francesa, a expansão do cristianismo e do islamismo, mas também em outros movimentos de menor alcance. Todos os movimentos coletivos, na fase inicial [...] possuem tais características. (ALBERONI, 1981, P. 6)

Mas não é só Alberoni que nos fala de uma preparação para o apaixonamento. A psiquiatra Donatella Marazziti também nos diz que só nos atraímos por alguém e nos apaixonamos se estivermos predispostos a isto.

Em seu excelente livro "A Natureza do Amor" (2007), Donatella faz um estudo sobre o amor explicando suas diversas etapas (incluindo a atração e o apaixonamento) do ponto de vista biológico. O apaixonamento poderia corresponder a uma configuração bioquímica em particular que tornaria o indivíduo mais suscetível ao estímulo constituído pelo outro e então o deixaria mais disponível ao encontro:

Supõe-se que a predisposição ao apaixonamento no nível bioquímico seja atribuída a alterações dos níveis normais de alguns neurotransmissores, como a serotonina, noradrenalina e dopamina, que tornam algumas áreas cerebrais mais responsivas, talvez sob a influência de modificações hormonais ou de situações vitais particulares (MARAZZITI, 2007, p. 38)

Uma vez que estamos então predispostos, torna-se fácil que o apaixonamento aconteça, mas a própria psiquiatra afirma que, embora não se trate de um terreno desconhecido, ainda não existem respostas certas para sabermos o que realmente "acende a faísca", o que "ativa" a paixão amorosa.

O que se sabe é que, na atração, é sempre uma característica qualquer do outro que pode nos atingir e estimular um dos nossos órgãos dos sentidos (olfato, audição, tato, gosto ou visão). Pode ser uma entonação especial da voz, um leve toque, um beijo, um cheiro, a cor dos olhos, cabelo, brilho no olhar, enfim, o estímulo inicial costuma ser forte.

Os estímulos passarão por uma série de processos complexos no corpo que envolvem a amígdala (estrutura do sistema límbico), as memórias e o cérebro. A hipótese que Marazzitti (2007) levanta após analisar estes processos passo a passo é que, em resumo, nos apaixonamos quando um sinal adequado nos atinge no momento adequado.

As características (ou sintomas) do estado mental de apaixonamento podem ser distinguidas em algumas categorias: elevação do humor; oscilações de humor entre polos de exaltação e insegurança/ desespero (sobretudo quando o amado nos mantém em um estado de incerteza); dependência do comportamento do outro (no sentido de supervalorização de estímulos que vem deste outro e interpretando-os sempre de modo irreal e excessivo); alterações da percepção sensorial e diminuição do teste de realidade. Todas essas características são influenciadas e dependem do equilíbrio entre os vários sistemas, receptores, neurotransmissores em áreas cerebrais específicas (MARAZZITI, 2007).

Quando estamos apaixonados, pensamos na pessoa amada aproximadamente de 85% a 100% do nosso tempo². A psiquiatra italiana ainda faz uma interessante analogia do apaixonamento com o transtorno obsessivo-compulsivo (TOC):

A persistência e a continuidade dos pensamentos associados ao outro, a força com que absorvem cada atividade mental, a intrusividade, ou seja, sua presença independente do controle voluntário são características muito similares, senão idênticas, àquelas que apresentam as ideias obsessivas típicas do transtorno obsessivo-compulsivo [...] A diferença entre a ideia prevalente típica do apaixonamento e a ideia obsessiva está na sensação ou estado de ânimo - "egossintônicos", ou seja, agradáveis, que se associam à manifestação do apaixonamento; e "egodistônicos, ou seja, dolorosos, que se associam à manifestações do TOC (MARAZZITI, 2007, p. 54).

Seja parecido com um movimento coletivo ou com o transtorno obsessivo compulsivo, sabemos que a entrada da paixão amorosa em nossas vidas nunca será algo tranquilo e sereno. O apaixonamento desorganiza o que antes "estava no lugar", une o que estava separado e separa o que estava unido, altera nossos corpos, comportamentos e provoca reações em no sistema nervoso.

Em um artigo da revista "Superinteressante", o neurocientista Renato Sabbatini explica que quando estamos apaixonados, o mecanismo cerebral é idêntico ao de se viciar em cocaína. Lucy Vincent, também neurocientista afirma que a dependência que o sujeito apaixonado tem de seu eleito leva a uma espécie de síndrome de abstinência quando eles se distanciam. Já o prazo de validade da paixão amorosa varia de pesquisa para pesquisa: o que observa Sabbatini é que a paixão deve passar naturalmente, em alguns meses, com o cérebro descarregando menos dopamina e reduzindo as endorfinas, isto porque, em seu auge, as alterações químicas causadas pela paixão amorosa são tão intensas e estressantes que, se durassem tempo demais, o organismo entraria em colapso (ROCHEDO, 2006).

2.1 Que não seja imortal, posto que é chama...

"Ele queria se apaixonar loucamente. Quando uma mulher não dava mais paixão pra Vinícius, Vinícius trocava de mulher com uma facilidade... Não é verdade, não era com uma facilidade. Enquanto não houvesse uma outra que

² Conforme estudos feitos por Doroty Tennov (1979) *apud* Marazziti (2007), no qual Tennov define os pensamentos da pessoa apaixonada com o termo anglosaxão *Limerence* que significa envisciação.

despertasse nele... hoje em dia se chama muito "tesão"; mas não é só tesão, é uma paixão que tem um fundamento, que rola entre dois... ele precisava desse precipício da paixão, sempre."

A citação acima é da atriz Tônia Carrero e está no documentário "Vinícius" (2005), direção de Miguel Faria Jr sobre a vida do poeta brasileiro Vinícius de Moraes.

Ainda sobre o documentário, podemos destacar também a fala do cantor e compositor Toquinho que nos diz: *"Todo mundo sabe que o Vinícius viveu para isso, ele casou-se nove vezes, quer dizer, não é brincadeira, casou-se nove vezes em busca dessa paixão eterna, dessa coisa que ele sempre cantou né? Que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure [...] esses versos dizem perfeitamente o quanto ele buscou (já sabendo que não ia encontrar) o que ele queria. Essa foi a grande angústia do Vinícius."*

Este trabalho não tem a pretensão de analisar a vida do poeta, utilizamos esses trechos apenas para ilustramos algumas características da paixão amorosa que estão bastante enraizadas no nosso modo de pensar e sentir. Isto é, a ideia de que se trata de algo com muita força e, independente do desfecho, tem validade pois vai terminar ou se transformar. O fato indiscutível é que, quando a paixão amorosa acontece, ela traz consigo tormentos, mudanças, inquietações, alegrias, tristezas e até mesmo alterações físicas. Algumas pessoas a evitam, outras, talvez viciadas no mecanismo da paixão, buscam um novo objeto de desejo cada vez que os sintomas passam, como Vinícius de Moraes que, mesmo sabendo da fugacidade da paixão e de todo o sofrimento que traz consigo, soube traduzi-la em belas canções e poemas:

Como dizia o poeta
 Quem já passou por essa vida e não viveu
 Pode ser mais, mas sabe menos do que eu
 Porque a vida só se dá
 pra quem se deu
 Pra quem amou, pra quem chorou, pra quem sofreu
 Ah, quem nunca curtiu uma paixão
 nunca vai ter nada, não
 Não há mal pior do que a descrença
 Mesmo o amor que não compensa
 é melhor que a solidão
 Abre os teus braços, meu irmão, deixa cair

Pra que somar se a gente pode dividir
 Eu francamente já não quero nem saber
 De quem não vai porque tem medo de sofrer
 Ai de quem não rasga o coração,
 esse não vai ter perdão
 Quem nunca curtiu uma paixão,
 nunca vai ter nada, não

Mas por que quando falamos em paixão pensamos logo em um tipo de arrebatamento amoroso? Veremos mais a frente, ao percorrermos alguns caminhos da filosofia, que quando falamos de paixões estamos também falando de ódio, tristeza, alegria etc.

Segundo Ribeiro (1987), a identificação da paixão com o amor apaixonado parece ser recente e talvez o escritor francês Henri-Marie Beyle (1783 - 1842), mais conhecido como Stendhal tenha grande influência nisto.

2.2 Stendhal, o amor-paixão e as cartas portuguesas

O escritor tinha 40 anos quando escreveu "do Amor", obra na qual descreve e analisa com delicadeza o amor, suas etapas e suas limitações. Ele morava em Milão e estava então apaixonado por Mathilde Dembrowski. Um dia, a moça viaja para Volterra e Stendhal a segue para vê-la (mesmo de longe, pois ela havia deixado claro que não queria sua ida). Mathilde reconhece o escritor, o proíbe de procurá-la e jamais viria a ceder a seus pedidos de perdão e protestos de amor. Do Amor pode ser um tipo de peça justificativa na qual ele se desculpa, é também uma lembrança de seus bons momentos com ela, uma longa carta de amor tentando reconquistar Mathilde, sem sucesso (RIBEIRO, 1987)

Resumidamente, para Stendhal (2007), existem quatro tipos de amores: "amor-paixão", "amor-gosto", "amor físico" e "amor de vaidade", no entanto, o autor dará importância apenas para o primeiro.

No livro, Stendhal utiliza uma metáfora para nos explicar o que acontece no decorrer de um apaixonamento, ele nos apresenta o processo de "cristalização":

Nas minas de sal de Salzburgo, lança-se nas profundezas abandonadas da mina, um ramo de árvore desfolhado pelo inverno;

dois ou três meses depois ele é retirado, coberto de cristalizações brilhantes: os menores ramos, os que não são maiores que a pata de um pássaro, adornam-se de uma infinidade de diamantes móveis e deslumbrantes; não podemos mais reconhecer o ramo primitivo.

O que eu chamo de cristalização é o trabalho do espírito que extrai de tudo o que se apresenta a descoberta de que o objeto amado possui novas perfeições [...] basta pensar em uma perfeição para vê-la em quem se ama. (STENDHAL, 2007, p.14)

Pensando então que a cristalização é o momento no qual idealizamos o objeto amado, apaixonar-se para Stendhal seria atribuir a uma pessoa perfeições que ela não possui. O autor ainda nos diz que para que o amor se prolongue, é preciso que este processo de cristalização ocorra outras vezes e para isto, devem existir as frustrações, dúvidas, medos e esperanças.

As cristalizações significam somente que a felicidade se constitui sobre bases imaginárias, sobre as fantasias que um ser acaba projetando na pessoa amada e não sobre dados objetivos e reais (RIBEIRO, 1987). Ora, é justamente sobre este ponto que alguns outros autores vão discordar de Stendhal.

Um deles é o filósofo José Ortega y Gasset (1960), que nos diz que essa notável teoria da cristalização se resume a fazer do amor-paixão um simples erro. Não quer dizer que o amor não erre as vezes, porém, o problema da teoria de Stendhal é acreditar que a *essência* do amor-paixão é um erro pois o qualifica como uma constitutiva ficção.

A teoria de Stendhal sustenta duas facções características do europeu no século XIX: o idealismo e o pessimismo.

A teoria da cristalização é idealista uma vez que faz do objeto externo para o qual vivemos uma mera projeção do sujeito e é pessimista porque trata-se de um erro cujo o esclarecimento o destrói. Além disso, reconhece que o homem só ama o amável, o digno de ser amado, ou seja, quando não existe algo a ser amado, o homem tem de imaginá-lo (GASSET, 1960)

Stendhal sabe ainda que em algum momento haverá a descristalização que ele chama de morte do amor, e diz respeito a um regresso à lucidez. Um possível contraveneno desse filtro seria a infidelidade.

Temos na literatura um grande exemplo (entre muitos outros) do que Stendhal chama de "amor-paixão". Trata-se do livro "Cartas Portuguesas" de Mariana Alcoforado.

Conhecidas desde o século XVII segundo seus editores, as Cartas Portuguesas consistem em cinco cartas escritas por uma freira portuguesa (denominada Mariana) endereçadas a um oficial francês que a abandonara. Essas cinco cartas registram os momentos de solidão da religiosa (que mora em um convento) e passam desde a esperança de retorno do amado até a completa revolta que leva ao fim da paixão.

A verdadeira autoria dessa obra tornou-se alvo de vários questionamentos. Não se sabe comprovadamente quem é seu verdadeiro autor ou se as cartas são ficções. O que realmente nos interessa é a mensagem contida nas cartas, a descrição das forças do sentimento, uma vez que o próprio Stendhal cita essa obra para exemplificar o amor-paixão.

Escritas durante um processo que vai do enamoramento à desilusão, as cartas descrevem uma paixão fulminante e fatal. Na primeira carta temos passagens como esta que ilustram a cristalização:

Parece-me, contudo, que chego até a prezar as desgraças de que és a única causa: dediquei-te a minha vida assim que te vi e sinto algum prazer sacrificando-a a ti. [...] mil vezes ao dia dirijo para ti meus suspiros [...] Estou decidida a adorar-te durante toda a vida e a não ter olhos para mais ninguém. E asseguro-te que também tu farás bem em não amar mais ninguém. Poderias, acaso, contentar-te com uma paixão menos ardente do que a minha? (ALCOFORADO, 2010, p.16,18)

Na última carta, com uma tonalidade já bem diferente, podemos encontrar o que pode ser uma possível quebra dessa cristalização:

Só conheci bem o excesso do meu amor quando quis fazer todos os esforços para me curar dele, e receio que não tivesse ousado aventurar-me a essa empresa se tivesse podido prever-lhe todas as dificuldades e violências. Estou convencida de que teria experimentado sensações menos desagradáveis amando-o, ingrato, embora, como é, do que deixando-o para sempre. Tive então a prova de que lhe quero menos do que à minha paixão, e suportei dores indescritíveis em a combater, depois que a infâmia da sua maneira de proceder o tornaram odioso aos meus olhos. (ALCOFORADO, 2010, p.61)

Segundo Cambeiro (2007), no início, a paixão de Mariana aumenta na mesma medida em que a imagem do amado era divinizada por meio da cristalização. Após as dúvidas, sofrimentos e decepção por ter sido definitivamente abandonada pelo oficial francês, a freira consegue desmistificar o objeto então cristalizado, como se derretesse o sal embelezador. Sabemos que não são todas as pessoas que conseguem esta descrystalização. Veremos mais a frente, ao refletirmos sobre os crimes passionais que muitas vezes a paixão pode terminar em tragédia. Veremos também que a teoria de Stendhal tem muita semelhança com a proposta da psicanálise que também vai considerar fundamental a idealização do objeto para que aconteça a paixão amorosa. Entretanto, passemos agora à filosofia: o que ela nos diz sobre as paixões?

3 PAIXÃO E (UM POUCO DE) FILOSOFIA

"É de se crer que as paixões ditaram os primeiros gestos e arrancaram as primeiras vozes... Não se começou raciocinando, mas sim sentindo. Para comover um jovem coração, para responder a um agressor injusto, a natureza dita acentos, gritos, lamentos. Eis aqui as palavras mais antigas inventadas, e eis aqui por que as primeiras línguas foram melodiosas e apaixonadas antes mesmo de serem simples e metódicas... eis aqui como o sentido figurado nasce antes do literal, quando a paixão fascina os nossos olhos, e a primeira noção que nos oferece não é a da verdade."

(Jean-Jacques Rousseau)

Desde a Antiguidade podemos nos deparar com muitos filósofos que se dedicaram a estudar e desenvolver o tema da paixão e, ainda assim, fica certo que não encontraremos uma definição determinante e absoluta para este fenômeno. Alguns a criticam, outros a exaltam ou apenas a descrevem, enfim, a filosofia nos oferece muitos caminhos possíveis para pensarmos a paixão.

Um fator importante que devemos considerar é que na filosofia, não se fala somente da paixão amorosa, ou, como diriam os franceses, do *"amour-passion"*. Trata-se de diversas emoções ou afetos que são considerados paixões, como por exemplo, o ciúmes, ódio, inveja, o amor, a alegria, medo, esperança, tristeza, entre outros. De modo geral, a paixão consiste em uma vivência do indivíduo que não depende de seu querer, algo que o captura, que pode ser controlado mas não impedido de surgir. No dicionário de filosofia de Nicola Abbagnano (2014, p. 861), o termo paixão é definido como a "Ação de controle e direção por parte de determinada emoção sobre toda a personalidade de um indivíduo humano."

Como já dissemos no início do trabalho, a palavra "paixão", vem do grego *"pathos"* (da qual originou-se o termo patologia ou doença). Traduzido para o latim *"passio"*, cujo sentido envolve a ideia de ser afetado ou sofrer por algo, é um sentimento considerado passivo, ou seja, que é provocado ou determinado por algo fora de nós, uma afecção que nos afeta de modo

profundo, um sentimento que, quando presente, reina sozinho de forma absoluta no ser. (SCHÖPKE, 2010)

A seguir, faremos um breve e rápido percurso sobre os estudos de alguns dos principais filósofos que abordaram o tema da paixão. Devido a grande quantidade de conteúdos que a filosofia nos oferece, com certeza deixaremos de citar certos filósofos e suas obras, no entanto, se faz essencial esta tentativa de aproximação da teoria filosófica para melhor compreender as possíveis raízes desse tema tão complexo.

Muitos filósofos, dentre eles Platão, entendem a paixão como uma fixação dos sentidos e da própria razão, um aprisionamento do espírito e do corpo que só consegue direcionar sua atenção para o objeto de seu amor, tido como uma chama, um fogo que arde e queima, e que também pode ser breve e se exaurir rapidamente (SCHÖPKE, 2010).

Segundo Lacerda (2013), em um de seus diálogos, intitulado *"Fedro"*, (escrito aproximadamente em 374 a.c.) Platão utiliza elementos da mitologia grega como metáfora para falar sobre a alma. Ele nos diz que nossa alma seria como um cocheiro que deve guiar dois cavalos (um deles moderado e o outro arreado) que nos obedecem apenas por meio de um chicote. O cocheiro, seria o intelecto, a dimensão racional da alma, por isso, deve ser o guia. Já o cavalo arreado estaria ligado aos nossos apetites e desejos, e o cavalo moderado ligado aos nossos sentimentos. Deste modo, o cocheiro (a razão) deve dominar os cavalos (as paixões). Trata-se portanto de uma luta que o filósofo julga ser interna a própria alma.

Platão foi o primeiro a colocar paixões e doenças em um mesmo plano, inaugurando assim uma extensa tradição interpretativa desse fenômeno. Apesar de relacionar as paixões às doenças e sobretudo à demência, o filósofo reconhece ainda no diálogo *"Fedro"* efeitos benéficos de quatro espécies de loucura: a dos profetas e adivinhos, a dos poetas inspirados pelas musas, a possessão ritual dionisiaca e o arrebatamento amoroso. Ele relaciona o conhecimento filosófico (busca pela verdade) à incompletude essencial que caracteriza o amor, uma carência que nos leva a buscar uma satisfação transcendente a qual ele denomina o "Bem Supremo", sem o qual não haveria filosofia. Sendo assim, pode-se dizer que a relação entre o pensamento racional e a paixão não se resume a uma mera oposição (LACERDA, 2013)

A relação entre racional e passional aparece ainda mais em Aristóteles, discípulo mais conhecido de Platão que defendia que o homem não pode ter uma vida meramente racional. O tratado das paixões de Aristóteles faz parte de sua obra intitulada "*Retórica*" (definida como a arte de persuadir pelo discurso), na qual o filósofo analisa as paixões de modo a permitir ao orador suscitá-las ou pacificá-las em seus ouvintes. É necessário que o orador toque as paixões dos ouvintes para convencê-lo. O filósofo não descreve as paixões como vícios ou virtudes permanentes, mas como tendências preponderantes que inclinam as pessoas (LACERDA, 2013).

Para Aristóteles não devemos reprimir as paixões, mas sim utilizá-las de maneira adequada. Um homem não escolhe suas paixões e não pode ter responsabilidade sobre elas mas, é inteiramente responsável pelo modo como faz com que elas se submetam à sua ação. Podemos dizer que as pessoas devem saber como "temperar" suas paixões. Segundo Aristóteles, o homem virtuoso ou bom não é aquele que renuncia às suas paixões, mas sim aquele que aprimora sua conduta de modo a medir da melhor forma possível e em todas as circunstâncias o quanto de paixão inevitavelmente comportam seus atos (LEBRUN, 1987)

Enquanto que para Aristóteles é impossível inibir as paixões, os filósofos estoicos as combatem fortemente. Zenão (336 - 264 a.C.) fundador do estoicismo grego e Crisipo (280 - 210 a.C.) seu continuador, não se preocupavam com o homem assim como ele é, mas como ele deveria ser: um sábio para quem a perfeição dependia apenas do uso da razão.

Para esses filósofos, as paixões são impulsos excessivos da alma, movimentos absolutamente contrários à razão que nos trazem desgostos profundos e amargos nos impedem de alcançar a felicidade e por isso, deveriam ser arrancados dos corações humanos (SANTOS, 2008).

Segundo um estóico, ser virtuoso é ser racional e, assim, a paixão é vista como um obstáculo a ser atravessado e como uma fraqueza. A alma apaixonada está em desarmonia consigo mesma e com a razão, é uma alma doente, sendo que a única maneira de lidar com as paixões é sendo apático, aniquilando-as completamente. Trata-se de um conformar-se com o destino (LACERDA, 2013)

O estoicismo conquistou apoio em grande parte da Grécia helenista, mas também atraiu muitos seguidores no Império Romano que estava em expansão. Como exemplo temos Sêneca (4 a.C. - 65 d.C.), que assume o estoicismo, propaga-o em seus escritos e também busca aplicá-lo à educação de Nero.

Outro filósofo que julga a paixão como algo negativo para o espírito é Descartes (1596 - 1650). O que ele tende a chamar de paixão parece mais um tipo de desejo físico que beira a obsessão e faz com que o espírito se desvie facilmente de seu reto caminho. Segundo Lacerda (2013), em seu tratado "*As paixões da alma*", o filósofo impõe a separação entre corpo e alma pela distinção radical entre pensamento e matéria. Explica, então, de que maneira o corpo atua contra a alma gerando paixões que nos dominam. Não nos aprofundaremos nos estudos de Descartes, mas podemos dizer que ele propõe uma técnica para o domínio indireto das paixões, uma vez que acredita que essas podem ser excitadas ou suprimidas. Para o filósofo, se desejo suprimir uma paixão, basta que a alma pense em algo contrário daquilo que esta sentindo, por exemplo, numa situação de medo, deve pensar em algo que dê coragem. Porém, no caso de paixões mais fortes, só nos resta controlar seus efeitos.

Para o outro filósofo da era modernista, Immanuel Kant (1724 - 1804), a paixão exclui o domínio de si mesmo impedindo ou impossibilitando que a vontade se determine com base em princípios. Ele ressalta a capacidade que tem a paixão de dominar toda a conduta do homem e apoderar-se de sua personalidade. Ao contrário da emoção que é precipitada e irrefletida, a paixão é lenta e refletida para alcançar seu objetivo (ainda que seja violenta). A emoção é como uma embriaguez que se desvanece mesmo deixando uma dor de cabeça. Já a paixão é uma intoxicação ou deformação que precisa de um médico interno ou externo da alma que ainda assim não sabe prescrever uma cura radical, mas quase sempre só paliativos. Tendo em vista o perigo que a paixão representa para a liberdade moral e escolha racional do homem, Kant rejeita qualquer exaltação das paixões (ABBAGNANO, 2012).

Muito diferente de Descartes e Kant, a posição de Nietzsche (1844 - 1900) sobre as paixões é de que ao contrário de ser passiva, a paixão é o que nos faz agir, ir para o mundo, é o que nos faz amar a vida em toda sua

plenitude. Ele entende que sem a paixão, o homem está condenado à mediocridade e a uma vida menor, uma vez que é a paixão que comanda a criação na arte, no pensamento ou até mesmo na ciência (SCHÖPKE,2010).

Wotling (2003) nos diz que para Nietzsche, é preciso reconhecer o caráter necessário das paixões para que nos afastemos das tradições filosóficas que as criticam. Ele acredita que o filósofo deve interpretar suas próprias paixões identificando-as e controlando-as à imagem de um cavaleiro que doma uma montada revolta, que põe os "monstros esplêndidos" a seu serviço, ou seja: dominar as paixões sem as enfraquecer ou extirpar. Nietzsche acredita que mesmo se fosse possível erradicar as paixões, isto nos levaria à anulação das condições do exercício de pensar e da prática filosófica.

Outro filósofo que também valorizou as paixões foi Espinosa (1632 - 1677) por meio de sua *Ética*, que também podemos chamar de *lógica dos encontros*. Para esse filósofo, o que define um ser é seu poder de afetar e ser afetado, sendo o afeto a impressão, o sentimento ou mesmo a ação que provocamos no outro ou que os outros provocam em nós. Também está ligado à idéia do afeto como afeição, por exemplo, estar apaixonado é estar ligado a um objeto fora de nós, causador de nossa paixão (SCHÖPKE,2010).

Ainda segundo Schöpke (2010), existem dois conceitos fundamentais para a *Ética* de Espinosa: as paixões alegres e as paixões tristes. De um modo bem resumido, as paixões alegres (chamadas de *conatus*) são as que nos fortalecem, que aumentam nossa força de existir e podem aumentar ou diminuir ao longo de nossas vida dependendo dos encontros que fazemos. Para Espinosa, todos nós já teríamos nascido com um *conatus*. Quanto mais paixões alegres provocamos, mais fortes ficamos até chegarmos ao que ele chama de *beatitude*, estado no qual nos tornamos senhores de nós mesmos. Já as paixões ou encontros tristes são os que nos despotencializam e nos fazem perder nossas forças aos poucos. Quando estamos fracos e angustiados, quando somos vítimas de maus encontros etc., fica evidente nossa incapacidade de mudar as coisas, a alma parece ficar paralisada.

Espinosa nos diz que somente uma paixão mais forte (alegres) pode vencer outra paixão. A liberdade consiste justamente na passagem das paixões tristes para as alegres e destas, para a atividade. É um processo de fortalecimento do corpo e da alma no qual a ferramenta que o homem pode

usar são as próprias paixões. A libertação não se dá em oposição aos afetos, mas por meio das paixões alegres (LACERDA, 2013).

Gérard Lebrun (1987) nos diz que na raiz da mesma palavra "paixão" ou "páthos", existe o duplo sentido que nos possibilita estabelecer uma diferença entre duas atitudes perante as paixões: a do passional ligado à Ética, e o patológico, ligado à medicina.

Como pudemos ver ao percorrer rapidamente as ideias dos filósofos citados no presente trabalho, de maneira geral, existe a posição de que a paixão faz parte de nós e devemos saber utilizá-las ou dosá-las a nosso favor de outro lado, a posição de que as paixões são algo ruim e devem ser extintas.

3.1 Então a psicanálise...

Segundo Lacerda (2013), na passagem do século XIX para o século XX, a história filosófica das paixões acaba recebendo grande influência da teoria psicanalítica: para Freud (1856 - 1939), fundador da psicanálise, a repressão das paixões (assim como almejavam os estoicos) dá-se de maneira inconsciente e, ao mesmo tempo, indispensável para o processo civilizatório. São as chamadas pulsões de vida e de morte na psicanálise que podem ser vistas como os equivalentes psicanalíticos das paixões ou pelo menos de duas paixões básicas, o amor e o ódio, com toda a ambivalência que essas paixões podem carregar (já que o mesmo objeto pode ser amado e odiado). Na leitura Freudiana, as paixões são naturais do sujeito, mas necessariamente reprimidas (mesmo que inconscientemente) como condição sem a qual não haveria civilização, apesar de todas as consequências que esse processo traz consigo.

Ao abordar a paixão, a psicanálise não se ocupa primeiramente do afeto em si, de seus efeitos imediatos ou da questão sobre o que fazer diante dela (dominá-la ou extingui-la). A teoria de Freud busca compreender, além do mecanismo da paixão, o que se quer com ela e ainda se, neste querer, é isto mesmo o que se quer (GORENDER, 2010)

Kehl (1987) nos diz que a matéria-prima de que se originam as paixões são as pulsões de vida (Eros) e de morte (Thanatos). Sobre a pulsão de vida ela nos diz que:

As manifestações mais primitivas das pulsões de vida são as da defesa da sobrevivência do indivíduo - que buscam manter o organismo nesse estado de preservação (e movimento) da forma. Que buscam o sono, o alimento, a excreção de toda a matéria tóxica do organismo; que buscam água, o ar, o calor. A estas se mesclam as pulsões eróticas que buscam de certa forma estas mesmas coisas, em seu estado de fusão inicial com o corpo materno. O calor, o repouso, o alimento que Eros procura, ele procura sob a forma de contato com outro ser vivo - e seu poder de irradiação é tão violento que ele contamina (erotiza) o grupo das pulsões de vida. De tal forma que todas as funções vitais vão sendo carregadas de erotismo pela vida afora; e a tal ponto que a psicanálise batizou de Eros o conjunto das pulsões de vida (KEHL,1987, p.473)

Sobre as pulsões de morte:

Enquanto o vetor erótico impulsiona a vida humana ao contato, ao embate com o outro e com a realidade - impulsos, como se pode constatar, geradores de constantes tensões - o outro vetor da trama pulsional impele o ser humano ao repouso, à entopia. É Thanatos, o grupo das pulsões de morte, que quer a abolição das tensões, o grau zero de energia. [...] Thanatos deseja a abolição do desejo; o retorno à matéria inanimada da qual um dia, por um acaso extremo, a vida se gerou da coesão improvável, e até hoje misteriosa, entre algumas moléculas (KEHL,1987, p.474)

A autora ainda nos diz que Eros e Thanatos, no limite, buscam a mesma coisa: o retorno a um estado anterior, prazeroso. Mas, enquanto Thanatos busca o repouso, Eros busca o estado de fusão narcísica com o outro (representante da mãe no inconsciente) que nos promete a abolição da confrontação cansativa e ameaçadora com o mundo, inaugurada quando nascemos e somente abolida na morte. Na fusão narcísica inicial (com o corpo da mãe e assim como em momentos da paixão amorosa) o mundo desaparece, é como se o eu fosse o mundo ou o mundo fosse uma extensão de si. Mais a frente nos aprofundaremos no tema do narcisismo.

É preciso considerar que todas as situações vividas pela criança em seus primeiros contatos com suas demandas pulsionais e com as formas apaixonadas que essas pulsões passam a adquirir são revividas então na paixão amorosa.

4 PAIXÃO AMOROSA E PSICANÁLISE

*"Um único ser nos falta e tudo
fica deserto."*

(Alphonse de Lamartine)

4.1 Verliebtheit - Freud e a paixão amorosa.

Como já sabemos, as definições da paixão mudam de acordo com o ângulo pelo qual a observamos. Cada campo de saber (filosofia, psiquiatria, psicanálise etc.) terá diferentes definições, explicações ou articulações para a paixão e sua função em nossas vidas.

Na obra de Freud, não podemos encontrar uma definição unívoca sobre a paixão ou mais especificamente, a paixão amorosa. O conceito de paixão na teoria freudiana está diretamente ligado ao conceito de sexualidade, este sim, abordado em grande parte de sua obra. Também não é clara a distinção entre o fenômeno amoroso e a experiência passional, dado que Freud não distingue nem demarca peculiaridades ao utilizar as palavras amor, paixão e enamoramento. Porém, assim como nos diz Mannoni (1991), podemos sim encontrar a palavra paixão nas obras de Freud, desde que a procuremos bem.

Para discorrermos sobre a paixão amorosa, teremos como base dois grandes e importantes textos nos quais é possível encontrar desdobramentos de Freud sobre o tema: *"Sobre o Narcisismo: uma introdução"* de 1914 e *"Psicologia de grupo e análise do ego"* de 1921, além da contribuição essencial de diversos autores pós-freudianos.

Ao se referir à paixão amorosa, nesses textos, Freud utiliza o termo *VERLIEBTHEIT* e não *LEIDENSCHAFT* (outra palavra utilizada pelos alemães para designar a paixão). A *Standard Edition* não faz uma tradução unívoca para o termo *VERLIEBTHEIT* : ora é traduzido como estado de apaixonamento, ora é denominado pela condição de "estar amando", "estar apaixonado", "estado de fascinação", ora, ainda, como "relações amorosas" e "laços emocionais". No índice remissivo, não se encontra referências, seja como paixão ou como enamoramento (SILVA, 2002)

Freud situa a *VERLIEBTHEIT* entre as doenças narcísicas, na medida em que o sujeito procura atingir a completude narcísica por meio de um objeto que é então idealizado. As experiências vividas na infância precoce servem como modelo para as relações passionais, as escolhas amorosas do adulto são uma atualização dos amores, dores e fracassos vividos na infância, busca-se reassegurar a qualidade dos cuidados do eu onde ocorreu o fracasso. Assim, estreitamente vinculada ao narcisismo, sobressai-se a dimensão psicopatológica da paixão, revelando-se a emergência do laço passional e seu entrelaçamento com o sentimento de desamparo, condição do humano (MOURA, 2007).

Antes de prosseguirmos, devemos nos demorar mais um pouco na diferença entre os termos *LEIDENSCHAFT* e *VERLIEBTHEIT*.

François Perrier (1992), em sua leitura do texto de Freud "Sobre o Narcisismo: uma introdução" traduz o termo alemão *VERLIEBTHEIT* por "paixão amorosa" e nos diz que ela consiste em um transbordamento da libido do Eu sobre o objeto. Da mesma maneira, Zeferino Rocha (1998), utiliza esta terminologia e nos esclarece que assim como toda *LEIDENSCHAFT* (noção mais geral de paixão designada pelos alemães), a *VERLIEBTHEIT* também é uma emoção veemente que invade e domina o sujeito sem deixar possibilidade alguma de controle. Do mesmo modo como podemos ser dominados pela força da paixão em diversos âmbitos da vida (na ambição, no jogo, na busca pelo poder, etc.), podemos ser tomados por uma experiência amorosa intensa e excessiva sem que tenhamos nenhuma possibilidade de controlá-la pela razão. Foi a esse tipo de paixão (que tem o amor como objeto) que Freud deu o nome de *VERLIEBTHEIT*, substantivo que deriva do verbo *LIEBEN*, que significa amar. O prefixo *VER* mostra que existe um desvio na maneira habitual de amar e, quando excessivo, esse desvio pode tomar proporções de uma verdadeira transgressão ou de uma perversão no sentido psicanalítico do termo.

Rocha (1996), define a paixão como uma espécie de "perversão do amor", uma força definida como um ir além de todos os limites mas que não chega a lugar algum, pois as conquistas da paixão são ilusórias assim como a união com o objeto amado.

Portanto, a tradução do termo VERLIEBTHEIT para "paixão amorosa" feita por François Perrier (em 'Ensaio de clínica psicanalítica' de 1992) e Zeferino Rocha (em "Paixão Violência e solidão: o drama de Abelardo e Heloisa no contexto cultural do século XII" de 1996) nos possibilita lidar com o conceito de paixão como um conceito próprio, diferente do conceito de amor.

4.2 Libido e economia

Para Freud (1914), o narcisismo é um estágio fundamental que perpassa a constituição do sujeito e, para investigá-lo, ele recorre à teoria da libido. Laplanche e Pontalis (2008), definem a libido como: "uma energia postulada por Freud como substrato das transformações da pulsão sexual quanto ao objeto (deslocamento dos investimentos), quanto à meta (sublimação, por exemplo) e quanto à fonte de excitação sexual (diversidade das zonas erógenas)" (2001, p. 265-266).

Freud ainda distingue dois modos de investimento da libido: libido do eu, (do ego ou narcísica) quando o sujeito toma a si mesmo como objeto de investimento, e a libido objetal, quando o investimento se dirige a um objeto externo.

Garcia-Roza (2008), nos lembra que Freud concebe o aparato psíquico como um aparato de captura, de contenção, de transformação de algo que lhe chega da exterioridade e de seu próprio interior (as pulsões). Este aparato pode ter como metáfora uma usina hidrelétrica, que de maneira grandiosa captura, armazena e transforma a água de um rio gerando eletricidade.

Além desse ponto de vista energético, é sob uma perspectiva econômica que Freud (1914) se refere aos investimentos libidinais: ele faz uma oposição entre os dois tipos de libido e, sendo assim, o investimento de um dos polos acarreta um conseqüente empobrecimento do outro.

...vemos, em linhas gerais, uma antítese entre a libido do ego e a libido objetal. Quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia. A libido objetal atinge sua fase mais elevada de desenvolvimento no caso de uma pessoa apaixonada, quando o indivíduo parece desistir de sua própria personalidade em favor de uma catexia objetal. (FREUD, 1914, p.83)

Nessa perspectiva, Freud pensa a paixão amorosa como um fluir de energias que implica uma retirada da libido do ego para o investimento objetal, ocorrendo um transbordamento de energia de um para o outro polo. Por meio disto, Freud já formula a ideia de um empobrecimento de ego no estado da paixão, em decorrência de um excessivo investimento do objeto.

a paixão amorosa lhe aparece, nesse contexto, como um estado paradigmático do nível mais alto que pode atingir a libido de objeto. O sujeito apaixonado, por conseguinte permitiria até que o pensássemos, levando em conta o limite máximo da paixão que o avassala, sob uma despossessão do eu em benefício do investimento no objeto amado. (NICÉAS, 2013, p. 48)

Segundo Gori, (2004), a paixão faz o sujeito sucumbir e enfraquecer, levando-o a existir apenas para os vestígios de um objeto (humano ou coisa) em benefício exclusivo daquilo que tanto o assombra e o possui sem piedade. Ele ainda nos dá o exemplo da paixão de Don José por Carmen, que vê sua honra de soldado perder todo o valor diante de tamanho sentimento. Don José abandona tudo e torna-se bandido para viver ao lado de Carmen, objeto eleito de sua paixão. O soldado diz a Carmen que fará *tudo* o que ela quiser e, esse tudo, significa a "promessa ilusória do amanhecer em nome da qual o sujeito humano foi seduzido, logrado, enganado pelas palavras maternas: você é tudo pra mim" (2004, p.28)

4.3 Narcisismo e escolha de objeto

No texto de 1914, Freud utiliza a paixão amorosa como um dos meios para nos ajudar a compreender o narcisismo. Neste trabalho, ele nos mostra que existe um sentimento ilusório de onipotência narcísica infantil originada da projeção narcísica dos pais, que lançam sobre a criança os seus ideais de perfeição. A paixão amorosa é colocada como uma revivência das relações primárias do sujeito infantil, que busca recuperar o que já foi experienciado uma vez em seu passado.

Freud (1914), nos atenta para o fato de que o eu não está presente no sujeito desde o começo. O que existe desde o início e precede a formação do

eu são as pulsões auto-eróticas. O auto-erotismo constitui uma das fases da organização libidinal e pode ser definido como uma atividade sexual infantil precoce, por meio da qual o sujeito extrai satisfação do próprio corpo, ou, mais especificamente de um órgão ou zona erógena. Neste momento a criança investe então toda libido em si mesma e, a este estado, Freud dá o nome de narcisismo primário.

Quando o eu se desenvolve e vai conferindo ao sujeito uma imagem de corpo unificada dando origem às suas relações com o mundo externo, temos o que Freud chamou de narcisismo secundário. Já neste momento o sujeito extrairá dos objetos o investimento libidinal e reinvestirá no próprio eu.

Originalmente, o eu é o objeto privilegiado de investimento libidinal, a ponto de se constituir como o “grande reservatório da libido”, armazenador de toda a libido disponível. Esse momento, Freud denomina narcisismo primário. Posteriormente, o investimento libidinal passa a incidir sobre objetos (entenda-se: representações-objeto), o que corresponde à transformação da libido narcísica em libido objetual. No entanto, diz Freud, “durante toda a vida o eu continua sendo o grande reservatório a partir do qual investimentos libidinais são enviados aos objetos e para onde são recolhidos, tal como um corpo protoplasmático que estende ou recolhe seus pseudópodes”. O retorno desse investimento libidinal ao eu, após ter investido objetos externos, Freud denomina narcisismo secundário. (GARCIA-ROZA, 2008, p.43-44)

As nossas primeiras experiências de satisfação se dão na relação com a mãe ou com aquele que nos cuida, que nos alimenta e protege. Freud (1914) nos diz que nossas escolhas amorosas posteriores tem aí sua origem e destaca duas formas de escolha de objeto: a escolha por apoio ou anaclítica e a escolha narcísica.

No tipo de escolha anaclítica, ou de apoio, o sujeito escolhe como objeto sexual as pessoas encarregadas de sua alimentação, cuidados e proteção, em geral a mãe ou substitutos. Nesse tipo, ama-se a mulher que alimenta ou o homem que protege. Já no tipo de escolha narcísica, a criança toma a si mesma como objeto de amor e ama-se o que se é, o que se foi, o que queria ser e alguém que foi parte do seu próprio eu. Esses dois tipos não se apresentam como puros e excludentes um do outro. Para Freud, todo ser humano tem esses dois caminhos abertos na escolha de objeto.

4.4 Os ideais

Segundo Freud (1914), a idealização é um processo psíquico que diz respeito ao objeto pelo qual as qualidades e valores do mesmo são enaltecidos e até mesmo levados à perfeição. A identificação com esse objeto idealizado contribui para a formação e enriquecimento de duas instâncias ideais, "eu ideal" e "ideal do eu".

A idealização é um processo que diz respeito ao objeto; por ela, esse objeto, sem qualquer alteração em sua natureza, é engrandecido e exaltado na mente do indivíduo. A idealização é possível tanto na esfera da libido do ego quanto na da libido objetal. Por exemplo, a supervalorização sexual de um objeto é uma idealização do mesmo. (FREUD, 1914, p. 101)

Esta supervalorização é a origem da paixão, que pressupõe um fluir da libido do eu para o objeto, ocasionando um empobrecimento libidinal do eu e um predomínio da libido objetal.

Essa supervalorização sexual é a origem do estado peculiar de uma pessoa apaixonada, um estado que sugere uma compulsão neurótica, cuja origem pode, portanto, ser encontrada num empobrecimento do ego em relação à libido em favor do objeto amoroso. (FREUD, 1914, p.95)

Para que seja possível haver uma distinção entre uma libido do eu e uma libido objetal, é preciso que ocorra um investimento objetal, já que no narcisismo elas existem em conjunto como energia das pulsões do ego. É a partir dessa energia que se constituem as instâncias "ideal do eu" e "eu ideal", ambas herdeiras do narcisismo infantil. O que impera na dinâmica do narcisismo é o domínio desses ideais, uma vez que o objeto da paixão é apenas aquele que vem a dar contorno e a suprir as demandas infantis. Apesar de Freud não fazer uma distinção clara entre esses termos, eles não devem ser tomados como sinônimos (SILVA, 2002).

Laplanche e Pontalis (2001) ressaltam algumas distintas posições de diferentes autores pós-freudianos que procuraram distinguir o "eu ideal" do "ideal do eu". Mesmo apresentando diferenças conceituais, os autores citados definem o "eu ideal" como uma instância primária, concebida como um ideal onipotente, seja pela não diferenciação entre o eu e o id - que corresponderia a uma situação ideal (segundo Nuremberg), seja por refletir a identificação primária com a mãe, investida de onipotência (segundo Lagache). Além disso,

Lagache nos diz que o "eu ideal" é ainda revelado por admirações apaixonadas por grandes personagens da história ou da vida contemporânea, caracterizados pela independência, orgulho, autoridade. Ele salienta o caráter sadomasoquista dessa instância, uma vez que ela implica a negação do outro para que se opere a afirmação de si próprio. Em resumo, o "eu ideal" é "... um ideal narcísico de onipotência forjado a partir do modelo do narcisismo infantil". (p.139)

Com o enfraquecimento do "eu ideal", proveniente da castração, o sujeito passa a realizar uma busca intermitente do ideal e, é neste momento que entra em cena o "ideal do eu" como uma possibilidade de restituição narcísica.

O "ideal do eu" é um "modelo de referência do eu, simultaneamente substituto do narcisismo perdido da infância e produto da identificação com as figuras parentais e seus substitutos sociais." (ROUDINESCO e PLON, 1998, p.362). É a partir de diversos fatores (idealização dos pais, críticas, influência em geral de pessoas que pertencem ao ambiente da criança) transmitidos através do discurso, que se desenvolve o "Ideal do eu". Trata-se então de uma instância psíquica de origem narcísica constituída pelas influências paternas e da sociedade que serve de referência ao eu para apreciar suas relações efetivas, ou seja, "um modelo a que o sujeito procura conformar-se". (LAPLANCHE, 2001, p.222)

Em termos lacanianos, o "eu ideal" é da ordem do imaginário e o "Ideal do eu" é concernente ao registro simbólico. O desenvolvimento do eu se dá justamente a partir do momento em que o investimento libidinal passa a ser direcionado para o "Ideal do eu", estabelecendo uma relação dialética com a realidade na qual a realização desse ideal está diretamente ligada à satisfação do eu. Sendo assim, teremos um "eu ideal" já formado no campo do imaginário e um "Ideal do eu" que se apresenta numa vertente imaginária e simbólica, dado que é atravessado pelo campo da palavra proveniente do Outro (PIQUET, 2000).

Com essas definições das duas instâncias, podemos pensar que uma vez que o "eu ideal" (constituído na relação especular da criança com a mãe) é um ideal impossível de ser alcançado, o eu (numa tentativa de afastar-se do narcisismo primário) vai se desenvolver fazendo com que a libido se desloque

em direção ao "ideal do eu", que sofre influência externa e oferece condições possíveis de realização. Por meio desse processo, o sujeito encontra para si um lugar num ponto de onde se vê passível de ser amado, na medida em que satisfaça algumas exigências impostas pela sociedade (MOURA, 2007).

4.5 (1921)

Além de uma diferenciação teórica, a distinção entre "eu ideal" e "ideal do eu" tem grande importância na constituição do sujeito. A predominância de um ou do outro implicará diferentes modos de subjetividade e pode nos ajudar a delimitar os campos da paixão e do amor como veremos mais a frente.

Com o "eu ideal" tecido segundo as ambições fálicas do narcisismo infantil, o que prevalece é o modelo de uma subjetividade mais fechada, na qual o eu se constitui como se fosse sua própria origem e fundamento. A subjetividade constituída desta forma estaria sempre buscando identificações com realizações que obedecem a um desejo de plenitude, indiscutivelmente imaginário. Quanto ao "ideal do eu", o que se tem é um modelo diferente de subjetividade e de ideal, uma vez que essa instância é aberta para a alteridade e leva o eu a reconhecer suas deficiências e buscar fora de si um ideal que funciona como apelo e não como exigência, mesmo sabendo que o ideal nunca será plenamente atingido (ROCHA, 1999).

No texto de 1921, intitulado "Psicologia das massas e análise do eu" (ou "Psicologia de grupo e análise do ego", na edição Standard brasileira das obras completas) Freud realiza uma análise da relação entre a questão dos ideais e a paixão amorosa.

O "eu ideal" tem grande relevância quanto à determinação das escolhas amorosas, dado que é pela identificação do objeto da paixão amorosa com ele que Freud explica a supervalorização do objeto no investimento passional.

A libido transborda do eu para o objeto e faz com que aconteça uma transformação da libido narcísica em libido objetal, sendo assim, o objeto terá a tarefa de realizar o que tínhamos como ideal, ou seja, ele será o substituto do ideal não atingido por nós mesmos.

Vemos que o objeto está sendo tratado da mesma maneira que nosso próprio ego, de modo que, quando estamos amando, uma quantidade considerável de libido narcisista transborda para o objeto. Em muitas formas de escolha amorosa, é fato evidente que o objeto serve de sucedâneo para algum inatingido ideal do ego de nós mesmos. Nós o amamos por causa das perfeições que nos esforçamos por conseguir para nosso próprio ego e que agora gostaríamos de adquirir, dessa maneira indireta, como meio de satisfazer nosso narcisismo. (FREUD, 1921, p.122)

Na paixão amorosa, ocorre uma intensificação dos valores do objeto em detrimento aos do próprio eu e isso faz com que esse objeto adquira qualidades bastante enaltecidas, ocasionando uma diminuição do amor de si e uma limitação do narcisismo. A devoção do ego ao objeto vai silenciar a instância crítica do "ideal do eu", colocando assim o objeto da paixão no lugar do ideal. Esta ausência de crítica leva a uma anulação do eu em detrimento do objeto da paixão.

o ego se torna cada vez mais despretenso e modesto e o objeto cada vez mais sublime e precioso, até obter finalmente a posse de todo o auto-amor do ego, cujo auto-sacrifício decorre, assim, como consequência natural. O objeto, por assim dizer, consumiu o ego. Traços de humildade, de limitação do narcisismo e de danos causados a si próprio ocorrem em todos os casos de estar amando [...]Ao mesmo tempo desta 'devoção' do ego ao objeto, a qual não pode mais ser distinguida de uma devoção sublimada a uma ideia abstrata, as funções atribuídas ao ideal do ego deixam inteiramente de funcionar. A crítica exercida por essa instância silencia; tudo que o objeto faz e pede é correto e inocente. A consciência não se aplica a nada que seja feito por amor do objeto; na cegueira do amor, a falta de piedade é levada até o diapasão do crime. A situação total pode ser inteiramente resumida numa fórmula: o objeto foi colocado no lugar do ideal do ego. (FREUD, 1921, p.123)

Ainda no texto de 1921, Freud define que a paixão é um estado de servidão e fascinação em relação ao objeto, assim como acontece na hipnose, onde o sujeito só pode ver o hipnotizador. Tanto na paixão quanto na hipnose, existe a mesma sujeição humilde e o sujeito não possui iniciativa própria. Hipnotizador e objeto amado ocupam o mesmo lugar: o do ideal do eu.

4.6 Sobre o amor e a paixão amorosa

Como tudo o que diz respeito ao amor e paixão amorosa não possui uma definição ou conceito absoluto e único, para que possamos diferenciá-los será necessário recorrer a outros autores. Essa diferenciação e comparação nos ajudarão a compreender melhor a paixão amorosa.

Segundo Kehl (1987), quando nos apaixonamos, a primeira fantasia que surge em nossas relações é a da restauração de nosso narcisismo primário; como se nossa esperança nesse momento fosse de reencontrar no ser amado uma total completude. Esse ser chega para nos salvar da condição solitária que é a própria condição humana e, somente quando a paixão amorosa (até então imersa em suas fantasias) sofre as primeiras decepções, é que o amor pode se instalar.

Para a autora, não se trata de classificarmos a paixão amorosa como algo flamejante enquanto o amor seria cinzento. A verdade é que as fantasias do início de uma relação apaixonada não concedem existência própria ao outro, que se torna um depósito de fantasias mais arcaicas, um representante de uma possibilidade de restauração do narcisismo ferido, um outro eu-mesmo que "me resgata para sempre da condição da falta em que me encontro (que é a própria condição humana) para me elevar à condição dos deuses: a recuperação da onipotência" (KEHL, 1987, P. 479)

4.7 Lejarraga: amor- "ideal do eu / paixão- "eu ideal"

Ana Lila Lejarraga (2002), utiliza a distinção de "eu ideal" e "ideal do eu" para diferenciar o amor e a paixão amorosa. A autora nos fala de duas modalidades de constituição dos ideais narcísicos: "como aspiração à plenitude absoluta de forma imediata ou como identificação com ela", regida por um ideal mais tirânico e absoluto, próprio da paixão, enquanto a segunda modalidade é "como aspiração à plenitude projetada num futuro mediatizado em formas mitigadas de gozo", que comporta um ideal mediado pelos objetos que são aceitos como diferentes de si mesmo, o que caracteriza a dinâmica do amor. (p.97)

Paixão e amor se apresentam como promessas de plenitude e felicidade. No apaixonamento correspondido, a plenitude é vivida imaginariamente numa fusão de completude, já no amor correspondido esta completude é lançada num tempo futuro, sendo condicionada e mediada por outros prazeres e objetos heterogêneos do laço amoroso. Sendo assim, levanta-se a hipótese de que o amor tem como modelo o "ideal do eu" e a paixão o "eu ideal" (LEJARRAGA, 2002)

Para a autora citada acima, o amor pressupõe uma outra forma de lidar com a onipotência narcísica, de modo que as restrições da realidade são aceitas e o outro é reconhecido em sua existência autônoma, fato que implica os riscos das prováveis frustrações. Ao ter o "ideal do eu" como modelo, o amor atenua as aspirações narcísicas possibilitando um posicionamento subjetivo mais aberto para a alteridade e, mesmo que ainda sustente a fantasia de um ideal, é fruto do reconhecimento do outro enquanto sujeito de seu próprio desejo.

Já o predomínio do "eu ideal" na paixão amorosa causa uma posição subjetiva mais fechada para a alteridade, uma vez que o sujeito não reconhece o outro em sua diferença e acaba por tomá-lo como resultado de suas projeções imaginárias. Dessa forma, este outro se apresenta como pleno, completo, resultado do "eu ideal": "o fascínio é potencialmente mortífero porque o outro é absoluto, detendo, nos casos extremos, um poder de gozo sem limites ou morte" (LEJARRAGA, 2002, p.100).

Segundo Lejarraga (2002), o "eu ideal" e a paixão não aceitam as faltas e a finitude que se encontram na base da constituição subjetiva e, além disso, a paixão é imediatista, não pode protelar a satisfação. O sujeito apaixonado acredita que encontrou o objeto de desejo que vai tamponar toda sua insatisfação. A ameaça de perda, perigo, separação ou ausência do objeto da paixão fazem com que o sujeito seja tomado por uma angústia avassaladora que pode levá-lo a um enorme sofrimento pois, "a paixão oscila entre o tudo e o nada, entre o êxtase amoroso ou a catástrofe" (2002, p.100).

4.8 Aulagnier - simetria / assimetria

Piera Aulagnier (1985), defende que seria um erro grave pensar que a paixão se definiria por um excesso de amor, uma vez que a diferença entre o estado amoroso e o estado passional não é quantitativa, mas sim qualitativa. Enquanto no amor há um investimento privilegiado no objeto, na paixão esse investimento é exclusivo.

A diferença é que no investimento privilegiado (amor), o objeto tem um lugar importante na economia libidinal do sujeito mas não é a única fonte de satisfação, ou seja, esse sujeito permite investimentos e prazeres diversificados. Assim, o amor permite uma idealização mais leve, há lugar para as imperfeições, e o outro pode ser reconhecido enquanto alteridade. Já no investimento exclusivo, toda a libido do sujeito estará concentrada no objeto, fato que o impede de obter prazer de outras fontes. O apaixonado nega a alteridade e toma o amado como parte de si e, para que a paixão permaneça não pode haver qualquer discordância. A idealização é maciça e absoluta, o outro é tomado como pleno e completo. (AULAGNIER, 1985)

Segundo a autora, o amor se configura como uma "relação de simetria":

a relação de simetria se define pelo lugar privilegiado que cada um tem para o outro no registro do prazer e pelo fato de que cada um atribui ao outro um mesmo poder de prazer e de sofrimento. É este "e" que liga prazer e sofrimento que define essencialmente o que chamo de simetria. (AULAGNIER, 1985, p.147)

A equivalência entre prazer e sofrimento é o que explica as oscilações (presentes em toda relação amorosa) entre os momentos em que o outro é tido pelo sujeito como fonte de satisfação sexual e narcísica, e aqueles em que ele é fonte de dor e sofrimento psíquico. Nesta relação de simetria, cada um dos sujeitos envolvidos aceita e reconhece os riscos que circundam o amor. (MOURA, 2007)

Segundo Aulagnier (1985), um exemplo de relação na qual o sujeito tenta excluir essa simetria, seria a problemática própria a Don Juan, que mantém a mulher como objeto privilegiado, mas que nega a *uma* mulher a capacidade de fazê-lo sofrer. A suposta habilidade de substituir continuamente o objeto

(mulher) e também a ilusão de que ela não poderia jamais faltar como objeto de prazer, faz com que Don Juan então não permita que *uma* mulher o faça sofrer. Contudo, o risco de sofrimento de Don Juan apenas foi deslocado e poderá ser mais intenso na medida em que ele continua dependente de um só tipo de prazer. A simetria é uma analogia, uma reciprocidade do poder afetivo do qual os dois sujeitos envolvidos gozam reciprocamente.

Na paixão amorosa trata-se de uma "relação de assimetria", não recíproca e não compartilhada, onde prevalece o sofrimento. Nessa relação, o sujeito apaixonado dá ao outro um poder de prazer exclusivo, fazendo com que este seja o único capaz de satisfazer a sua demanda e assim, o próprio sujeito se torna privado daquilo que somente o outro possui, "o Eu situa o Eu do outro como objeto de necessidade". (AULAGNIER, 1985, p.155)

Moura (2007), nos aponta que outra consideração feita por Piera Aulagnier neste mesmo texto é a de que na paixão amorosa o eu acredita ter poder de oferecer prazer ao objeto, mas em contrapartida pensa não ter o poder de ser, para o mesmo, fonte de sofrimento. Instala-se assim uma relação descompensada e desigual em termos de poder, configurando então o estado de dependência e sofrimento tão característicos das relações passionais.

Se o Eu se acredita desprovido do poder de fazer o outro sofrer, ele inversamente se convence do excesso de sua própria capacidade de sofrimento. Assim como diz Aulagnier (1985), não mais se trata de um "gozo portanto eu amo", mas de um "sofro portanto eu amo"

Como pudemos perceber, para considerarmos a paixão amorosa na teoria Freudiana precisamos do apoio de outros autores, o que não diminui em nada a importância das considerações deixadas por Freud.

Sabemos então que nossas primeiras relações (com aqueles que exercem a função paterna e materna) são o "ponto de partida" que determinará nosso modo de lidar com futuras relações amorosas e que o narcisismo é crucial para nosso desenvolvimento enquanto sujeitos e para nossas escolhas objetais. Pudemos notar ainda o inevitável: segundo a teoria freudiana, para que exista a paixão, o ego deve "ceder espaço", deve empobrecer. Seria por isto que a ideia de paixão está tão atrelada a sofrimento?

5 O SOFRIMENTO E A PAIXÃO

*"Mas não há paixão sofrida em dor e amor
a que não se siga uma aleluia."*

(Clarice Lispector - Água Viva)

Quando pensamos na paixão, sobretudo na paixão amorosa, já fazemos rápidas associações com algo forte, intenso e que pode também trazer muito sofrimento.

No livro intitulado "A lógica das paixões", Roland Gori (2004), realiza um excelente estudo das paixões e discorre inclusive sobre a paixão amorosa e o sofrimento como veremos a seguir.

O autor nos relembra que durante muito tempo a palavra paixão foi utilizada para designar o ato de sofrer e, talvez o maior exemplo disto seja o fenômeno religioso conhecido como a "Paixão de Cristo", descrito como momentos de intenso sofrimento físico, espiritual e mental vivenciados por Jesus antes de seu julgamento e execução.

Primeiramente, o sofrimento expressado na palavra paixão estava ligado ao corpo e progressivamente foi sendo relacionado à alma, a uma questão moral. Nos dias de hoje, a paixão amorosa exprime a ideia de que o sujeito apaixonado encontra-se como que açambarcado (contra sua vontade) por um objeto do qual acredita e afirma não poder se privar. Gori (2004) nos diz: "etimologicamente, a paixão é sofrimento e seus efeitos são notórios: do patético à tragédia, até o distanciamento da loucura, da fixação toxicômana ao fetichismo compulsivo do colecionador, os traços da paixão são flagrantes e ninguém se engana" (p.27,28).

O apaixonado e todos aqueles que estão à sua volta não tem conhecimento das causas íntimas do drama no qual foram imersos e frequentemente ficam reduzidos a sofrer as consequências ou a tentar reduzir prováveis devastações. O sujeito apaixonado parece perder o domínio de seus pensamentos e de seus atos. Levada a seu paroxismo, a paixão faz o sujeito enfraquecer, sucumbir e viver apenas em função do objeto (GORI,2004).

É justamente por ter como determinante fundamental o sofrimento, que a paixão amorosa vai se constituir como uma promessa de felicidade, uma

esperança de que a dor da perda, da separação originária possa ter um fim. Agarrado a essa crença, o sujeito vai cultivar imaginariamente seus ideais de completude e plenitude. Como exemplo, temos na literatura a história de Romeu e Julieta: jovens movidos por um ideal e uma promessa de felicidade vivenciada como um tipo de pacto do casal apaixonado, a ser concretizada com uma união que, por não acontecer, acaba ocasionando dor e sofrimento para ambos e, por fim, a morte (MOURA,2007).

Quando o sujeito encontra-se mobilizado pela paixão, acaba dividido entre o desejo de possuir, de aprisionar, dominar o outro e a angústia, o temor, o pavor de ser deixado, abandonado pelo objeto de seu amor, contudo, o que realmente acontece com o apaixonado é que ele tenta de todas as formas precaver-se de um desamparo que já ocorreu, enquanto que a representação do estado passional apenas o recobre com novos artifícios. Desta maneira, podemos então compreender o porquê de tamanho tormento, angústia e sofrimento que atinge o apaixonado quando ele perde seu objeto de amor. A dor que o invade diz respeito também ao desamparo originário, ela atualiza e traz à tona, mesmo que disfarçadamente, a perda primitiva. O estado passional nada mais configura do que certa representação de uma "paixão originária", da qual não mais nos recordamos (GORI,2004).

Em "*O mal estar na civilização*" de 1929/1930, Freud nos diz que o sofrimento oriundo das relações com os seres humanos é certamente mais duro do que os sofrimentos corporais e agressões exteriores, e que nunca estamos mais desamparados e desprotegidos do que quando estamos apaixonados.

Segundo Finzi (2004), a paixão é uma tensão atravessada de felicidade e de dor. Felicidade pela sensação (ilusória) que proporciona ao sujeito de ter encontrado um sentido para sua existência e, a dor por saber que o objeto de seu desejo é inalcançável. A paixão faz com que, ao mesmo tempo, uma pessoa se sinta ela mesma e pateticamente frágil. Pode também carregar culpa ou perder impulso. O que fica claro, então, é que em todos os casos de paixão, o sofrimento nos espera.

5.1 A paixão de amor

Como vimos anteriormente, a teoria freudiana situa a paixão amorosa como oriunda de uma perda e a define a partir da transferência do narcisismo perdido da infância do sujeito para o objeto. Por isso, podemos pensar que de acordo com a psicanálise, o sofrimento é anterior à paixão amorosa.

Veremos agora o argumento de outro autor, Denis de Rougemont, que em sua obra mais conhecida, intitulada *"O amor e o ocidente"* (publicada pela primeira vez em 1939) nos propõe uma abordagem diferente da psicanálise ao aproximar o sofrimento e a paixão amorosa argumentando que o sofrimento é posterior à paixão.

Em seu livro, através de uma extensa análise do conhecido mito de Tristão e Isolda, o autor remonta a estrutura do amor paixão e realiza uma consistente e brilhante articulação entre a paixão amorosa e o sofrimento vivenciado pelos ocidentais.

Rougemont (1972), constata que o lirismo ocidental não exalta o prazer dos sentidos, o amor realizado e nem a paz e tranqüilidade do casal, mas sim o amor arrebatador, intenso, ardente, repleto de obstáculos e proibições. Assim, na cultura ocidental, a grande tendência é a "paixão de amor" que anuncia a impossibilidade, o sofrimento e a morte.

"Amor e morte, amor mortal: se isso não é toda a poesia, é, ao menos, tudo o que há de popular, tudo o que há de universalmente emotivo em nossas literaturas; em nossas mais antigas lendas e em nossas mais belas canções. O amor feliz não tem história. Só existem romances do amor mortal, ou seja, do amor ameaçado e condenado pela própria vida. O que o lirismo ocidental exalta não é o prazer dos sentidos nem a paz fecunda do par amoroso. É menos o amor realizado que a paixão de amor. E paixão significa sofrimento. Eis o fato fundamental." (ROUGEMONT, 1972, p. 15)

Para Rougemont (1972), existe uma necessidade de fuga da realidade (agravada ainda mais pelo tédio mecânico de nossa sociedade) que nos faz glorificar a paixão e crer que ela é uma promessa de vida mais viva, um tipo de força que transfigura uma beatitude ardente. O que procuramos é justamente aquilo que pode nos levar a uma "verdadeira vida", o que é impossível. Nesse sentido, o autor nos afirma: *"... a paixão está ligada à morte e leva à destruição quem quer que se entregue completamente a ela. Isto porque desejamos*

salvar a paixão e adoramos essa infelicidade, ao passo que as morais oficiais e nossa razão as condenam.” (ROUGEMONT,1972,p. 19)

O mito de Tristão e Isolda narra basicamente às aventuras e desventuras de um jovem casal apaixonado que necessita vencer complexas adversidades para se unir definitivamente. Como todos os mitos, podemos encontrar diferentes versões, porém, o que nos interessa, continua semelhante em todas elas. Antes de prosseguirmos, façamos um breve resumo do mito seguindo a versão descrita na obra de Rougemont.

De partida, Tristão já nasce do infortúnio pois, seu pai acaba de morrer e sua mãe não sobrevive ao seu nascimento. É então adotado e educado por seu tio materno Marcos, rei da Cornualha.

No momento em que poderia ser armado cavaleiro, ou seja, logo depois de sua puberdade, Tristão enfrenta e mata um gigante irlandês. Entretanto, é ferido no combate por uma espada envenenada e, sem esperanças de sobreviver, parte sem destino em um barco sem velas e sem remos levando consigo uma espada e uma harpa.

Tristão chega, ao acaso, à costa irlandesa onde descobre que somente a rainha possui um remédio que poderia salvá-lo. Todavia, a monarca era justamente irmã do gigante morto anteriormente por Tristão. Assim, o jovem não revela seu nome, é tratado e curado pela princesa Isolda e retorna, então, para o reino do tio.

Anos depois, o rei Marcos decide casar-se e envia Tristão para buscar a mulher desconhecida. Uma tempestade carrega o herói novamente para a Irlanda onde ele luta com um dragão que ameaçava a cidade. Outra vez Tristão vence, fica ferido e é tratado por Isolda.

Mais tarde, a princesa descobre que o jovem que salvou é o assassino de seu tio e tenta matá-lo, mas Tristão revela a missão que lhe confiara o rei Marcos. Isolda o perdoa porque quer tornar-se rainha e, segundo outros autores do mito, porque também admira a beleza do rapaz.

Juntos, Tristão e Isolda navegam rumo às terras do rei e, ao sentirem sede em alto mar, acabam bebendo o "vinho ervado" oferecido enganosamente pela aia Briolanja. Esse vinho fora preparado pela mãe da princesa e era destinado aos esposos, tendo o efeito de três anos. Tristão e Isolda então se declaram apaixonados e se entregam ao amor.

Como permanece preso à missão que recebeu do rei, Tristão conduz Isolda a Marcos, contudo, Briolanja astuciosamente substitui a princesa e passa a primeira noite nupcial com o rei. Logo, Tristão é denunciado e banido, mas, após outros fatos, ele convence Marcos de sua inocência e retorna à corte.

Tristão recebe uma nova missão do rei e decide encontrar-se com a amada antes de partir, mas acaba sendo vítima de uma armadilha e é condenado à morte enquanto Isolda será entregue a um bando de lázaros. Ele foge, resgata Isolda e juntos se internam na floresta de Morrois, onde vivem uma vida "áspera e dura" por três anos.

Após três anos, o filtro provocado pelo vinho perde seu efeito e Tristão se arrepende enquanto Isolda sente saudade da corte. Por intermédio de um eremita, Tristão propõe ao rei restituir sua mulher. Marcos promete perdoar e os amantes se separam à chegada do cortejo real.

Isolda pede que Tristão permaneça no reino até que ela tenha a certeza de que Marcos a tratará bem e em seguida, por uma última astúcia feminina, a jovem declara que a um primeiro sinal do cavaleiro partiria ao seu encontro sem que nada pudesse detê-la.

Os amantes têm vários encontros clandestinos na casa de um lenhador, porém, logo novas aventuras conduzem o cavaleiro para bem longe e ele crê que Isolda deixou de amá-lo. Assim, Tristão se casa com outra Isolda "das mãos alvas" mas a deixa virgem.

Enfim, novamente ferido e envenenado por um ferimento, Tristão manda chamar a rainha da Cornualha, única que ainda poderia curá-lo. Isolda vem e sua nau ostenta uma vela branca, sinal de esperança mas Isolda "das mãos alvas" espreitava sua chegada e atormentada pelo ciúme, vai até o leito de Tristão e diz que a vela é negra. Tristão morre e Isolda desembarca neste instante, sobe ao castelo, abraça o corpo de seu amado e morre.

Partindo desse mito, Rougemont (1972) ressalta que quando tomados pelo amor paixão, os amantes não se amam um ao outro, mas "amam-se entre si", cada um só ama o outro a partir de si próprio e não do outro. Como podemos ver, neste ponto os argumentos de Rougemont se encontram com o amor paixão que descrevemos anteriormente com a psicanálise de Freud. Amor mediado pelo narcisismo. "Tristão ama Isolda dessa maneira: não em

sua realidade, mas na medida em que ela desperta nele a ardência deliciosa do desejo. O amor-paixão tende a se confundir com a exaltação de um narcisismo..." (ROUGEMONT, 1972, p. 128)

Deste modo, o que se ama é o próprio amor:

"Paixão quer dizer sofrimento, coisa sofrida, preponderância do destino sobre a pessoa livre e responsável. Amar o amor mais que o objeto do amor, amar a paixão por si mesma, desde o amavam amare de Santo Agostinho até o romantismo moderno, é amar e procurar o sofrimento. Amor-paixão: desejo daquilo que nos fere e nos aniquila pelo seu triunfo. (ROUGEMONT, 1972, p. 43)

O verdadeiro sentido da paixão é tão assustador e inconfessável que os amantes não podem tomar consciência de seu objetivo. Como metáfora, no mito temos o "vinho ervado", que serve de álibi para que o casal se desresponsabilize do destino mortal a qual se condenaram, como se pudessem nos dizer: "é tudo culpa do vinho ervado". Além dos obstáculos externos, Tristão e Isolda cavaram para si o próprio abismo, já que diante da possibilidade de permanecerem juntos, criavam entraves que impediam a realização da paixão. Rougemont (1972) nos afirma que nós buscamos nas relações amorosas o obstáculo, o perigo, as oscilações e a impossibilidade:

Assim, quer desejemos o amor mais consciente ou simplesmente o amor mais intenso, desejamos em segredo o obstáculo. Se for preciso, criamos o obstáculo, imaginamo-lo. Parece-me que isso explica boa parte da nossa psicologia. Sem entraves ao amor, não há "romance". Ora, o que amamos é o romance, isto é, a consciência, a intensidade, as variações e os adiamentos da paixão, seu crescendo até a catástrofe — e não sua chama fugaz. Consideremos nossa literatura. A felicidade dos amantes só nos comove pela expectativa da infelicidade que os ronda. É necessária esta ameaça da vida e das realidades hostis que a afastam para longe. A saudade, a lembrança, e não a presença nos comove. A presença é inexprimível, não possui uma duração sensível, só pode ser um instante de graça [...] O amor feliz não tem história na literatura ocidental. E, se não for recíproco, o amor não é considerado um verdadeiro amor. [...] eis o segredo do mito de Tristão, o amor-paixão simultaneamente partilhado e combatido, ansioso por uma felicidade que rejeita, glorificado por sua catástrofe— o amor recíproco infeliz. (ROUGEMONT, 1972, p. 44)

Ou seja, o que o autor quer nos dizer é que a ameaça, a dor, a adversidade, a possibilidade de separação e do abandono são indispensáveis para que se possa valorizar os momentos de satisfação que o amor proporciona. Rougemont (1972) nos afirma que preferimos as narrativas de

amores impossíveis uma vez que amamos a ardência e a consciência que existe em nós, fato que estabelece uma ligação profunda entre o sofrimento e o saber. Para o autor, o romântico ocidental é um homem para quem a dor, principalmente a dor amorosa, é um meio privilegiado de conhecimento. Assim, não importa se desejamos um amor mais consciente ou um amor mais intenso, sempre desejaremos em segredo o obstáculo e, se for preciso, o criaremos.

O autor nos mostra que na literatura, os obstáculos que impedem o amor são externos, mas também deixa bem claro seu argumento de que são os próprios amantes que criam e buscam esses obstáculos. Ou seja, tanto na literatura quanto para o autor, o sofrimento é posterior à paixão.

De qualquer maneira, o que podemos fixar após esses breves percursos sobre a paixão amorosa segundo a psicanálise de Freud e a obra de Rougemont, é que, independente de qual venha primeiro, paixão e sofrimento "caminham juntos". Também por isso, algumas paixões amorosas ou paixões de amor, carregam consigo a grande tendência ao trágico.

5.2 O crime passionai

“A espada desgasta a bainha, dizem algumas vezes. Eis a minha história. Minhas paixões fizeram-me viver, e minhas paixões me mataram.”

(J. J. Rousseau)

Podemos encontrar grandes narrativas sobre a paixão amorosa na literatura, na mitologia e também no cinema. Narrativas de amores trágicos e arrebatadores. Porém, na "vida real", ou cotidiana, sempre nos deparamos com essas histórias, basta nos atentarmos aos noticiários: os crimes ditos passionais estão sempre nos rondando.

Almeida Júnior, renomado pintor e desenhista brasileiro, morreu aos quarenta e nove anos de idade, vítima de um golpe proferido por seu primo, José de Almeida Sampaio, em 1899. José era casado com Maria Laura (os três eram amigos íntimos) e, um dia, hospedado então na residência do pintor (que

estava ausente), encontrou em uma gaveta uma carta de amor remetida por sua mulher a Almeida Junior.

Após alguns dias, Sampaio flagra o primo chegando a um hotel acompanhado de Maria Laura, seus cinco filhos e uma irmã dela. Almeida Junior desce primeiro do carro trazendo duas cestas na mão, preparando-se para entrar no hotel quando Sampaio avança sobre ele e crava uma faca desembainhada na clavícula esquerda do pintor, matando-o minutos depois. O golpe atinge importante artéria, provocando intensa hemorragia.

José de Almeida Sampaio foi levado a Júri e absolvido por unanimidade (naquela época, esse tipo de crime era considerado uma "defesa da honra"). Maria Laura separou-se e nunca perdoou o marido.

Em agosto de 1909, no Rio de Janeiro, Euclides da Cunha, famoso escritor brasileiro, autor de "Os Sertões" e membro imortal da Academia Brasileira de Letras, tentou matar o tenente do exército Dilermando de Assis, então amante de sua mulher Anna da Cunha e acabou sendo morto. A traição de Anna desencadeou uma tragédia em 1909, quando Euclides entrou armado na casa de Dilermando dizendo-se disposto a matar ou morrer. Dilermando reagiu e matou Euclides, mas foi absolvido pela justiça militar ao ser julgado.

No dia 9 de outubro de 1950, também no Rio de Janeiro, Zumira Galvão Bueno, convencida da infidelidade de seu marido, Stélio Galvão Bueno, alvejou-o com dois tiros de revólver, matando-o depois de mais de 18 anos de união. Após uma primorosa e bem conduzida defesa, que alegou a "legítima defesa da honra" Zumira recebeu pena de dois anos de detenção, cumpridos fora da prisão.

Em outro caso, Eliane Aparecida de Grammont, foi assassinada aos 26 anos por seu ex-marido Lindomar Castilho enquanto cantava em um bar de São Paulo em 1981. O ex-marido surgiu de repente, em estado alterado disparando cinco tiros. Eliane foi alvejada no peito. Lindomar era violento e agredia a ex-esposa pois acreditava que ela tinha um amante. Embora a defesa tenha tentado atenuar a pena alegando que o réu encontrava-se sobre violenta emoção no momento do crime, por quatro votos a três, o Júri decidiu ter ocorrido homicídio qualificado (considerado hediondo) pelo meio que impossibilitou a defesa da vítima. A pena foi de doze anos e dois meses de reclusão.

Os casos citados acima fazem parte do livro de Luiza Nagib Eluf, (2002), "A Paixão no banco dos réus", no qual a autora relata detalhadamente esses e alguns outros casos de crimes passionais.

O termo passional deriva de paixão e, em linguagem jurídica, convencionou-se chamar de "passional" apenas os crimes cometido em razão de relacionamento sexual ou amoroso. Em uma análise equivocada, pode-se pensar que a paixão tornaria nobre a conduta de um assassino que teria matado por não suportar a perda de seu objeto de desejo ou para "lavar sua honra", porém, segundo Eluf (2002), a paixão que move a conduta criminosa resulta do ódio, da possessão, do ciúme, da busca por vingança e não do amor.

A paixão não pode ser usada para perdoar um crime, pode apenas explicá-lo. É possível entrever os motivos que levam uma pessoa dominada por emoções contraditórias e violentas a matar alguém destruindo também a própria vida, no entanto, sua conduta não perde a característica criminosa. O homicídio passional, adquiriu certo "glamour" após ser tema (por vezes de forma tão adocicada) de romances, filmes e peças teatrais, fazendo com que fosse criada um tipo de "aura de perdão" em torno daquele que mata seu objeto de desejo. O que a autora conclui é que embora na maioria das vezes os assassinos passionais sejam condenados, eles têm suas penas atenuadas diante das alegações de que o sujeito agiu sob o efeito de "violentas emoções", como o ciúme ou a paixão (ELUF, 2002). Essa "glamourização" da paixão está ligada ao que vimos anteriormente ao citarmos Denis de Rougemont, quando nos diz que a sociedade ocidental tende a enaltecer a paixão amorosa enquanto circunstância de intenso sofrimento.

Nasio (1997) nos diz que quando acontece uma ruptura brutal do laço que ligava o sujeito apaixonado ao seu objeto de amor, um grande sofrimento interior muitas vezes vivido como um "dilaceramento da alma" toma conta do sujeito. Tal ruptura ocasiona o enlouquecimento das tensões pulsionais, rompendo a homeostase do sistema psíquico, acarretando o que ele chama de "dor psíquica" ou "dor de amar".

a dor é a desorientação que sentimos quando, tendo perdido um ente querido, nós nos encontramos diante da mais extrema tensão interna, confrontados com um desejo louco no interior de nós mesmos, com uma

espécie de loucura do interior que fica adormecida em nós, até que uma perda exterior venha arrancar os seus gritos de desespero. (NASIO,1997, p. 52)

Investido pelo imaginário do apaixonado, o objeto amado configura uma espécie de instância interna. Como vimos anteriormente, no auge da paixão amorosa o investimento narcísico é tamanho que o eu e o outro tendem a confundir-se, fazendo com que diante da ameaça de perder o objeto amado, o sujeito sinta como se estivesse perdendo a si mesmo. Nesse sentido, podemos dizer que a perda do amado é uma ruptura não fora, mas dentro de nós. Segundo Nasio (1997), a reação do eu diante da comoção desencadeada dessa perda pode se decompor em dois movimentos defensivos que provocam dor: o desinvestimento (aspiração súbita da energia que o esvazia, a dor causada por ele toma forma clínica de uma inibição paralisante) e o superinvestimento (polarização de toda energia sobre uma única imagem psíquica, causa uma dor pungente que oprime). Ou seja, o eu desinveste abruptamente grande parte de suas representações para superinvestir uma única imagem psíquica do amado que não existe mais.

No processo de luto, este movimento se dá na direção contrária, pois, o sujeito vai aos poucos desinvestindo a representação do amado perdido e lentamente vai redistribuindo sua libido em direção a outras fontes de prazer. Também pode acontecer de em alguns casos, o sujeito permanecer fixado à imagem do outro perdido, então o luto adquire um caráter crônico que pode paralisar a pessoa enlutada por um período de tempo indeterminado (FREUD, 1917).

No luto real, é a "prova de realidade que me mostra que o objeto amado não existe mais. No luto amoroso o objeto não está nem morto, nem distante. Sou eu quem decido que a sua imagem deve morrer (e ele talvez nem saberá disso). Durante todo o tempo de duração desse estranho luto, terei que suportar duas infelicidades contrárias: sofrer com a presença do outro (continuando a me ferir à sua revelia) e ficar triste com a sua morte (pelo menos tal como eu o amava). Assim me angustio (velho hábito) por causa de um telefone que não toca, mas ao mesmo tempo devo me dizer que esse silêncio é de qualquer jeito inconsequente, porque decidi elaborar o luto dessa preocupação: é a imagem amorosa que deve me telefonar; desaparecida essa imagem, o telefone, toque ou não, retoma sua existência fútil (BARTHES, 1985, p.104/105).

Sabemos que mesmo sendo um processo doloroso, alguns apaixonados conseguem desinvestir a imagem do amado com a separação elaborando assim o luto, porém, outros se recusam a aceitar a perda e continuam investindo no objeto amado.

Diante da ausência, perda ou não correspondência amorosa, o sujeito pode terminar por destruir o outro, uma vez que com ele se esvaiu a promessa de felicidade. Aqui, outra face do amor entra em cena: o ódio. Deve ficar claro que não se trata de uma transformação do amor em ódio (uma vez que amor e ódio constituem "faces da mesma moeda") mas sim de um "giro" da estrutura e, com o predomínio do ódio, aparece então o perigo do crime passionai. A tentativa movida pelo ódio de apagamento do outro não se trata somente de uma punição, mas de um ato do apaixonado que quer eliminar sua própria angústia. Em outras palavras, o sujeito destrói o outro para livrar-se de uma presença constante do objeto perdido dentro de si mesmo (MOURA 2007).

Marília Etienne Arreguy (2012), nos diz que é importante resgatar os estudos psicopatológicos oriundos da psiquiatria clássica (muitos deles com inspiração psicanalítica) ao estudarmos os crimes passionais, pois, eles demonstram que esse tipo de crime se associa aos quadros clínicos como a erotomania e o delírio ou paranoia de ciúme, incluídos na chamada psicose passionai. Contudo, a autora nos diz que não é possível delimitar um "tipo passionai", os sujeitos que comentem esses crimes podem ter diagnósticos ligados à psicose, paranoia, neuroses graves e até mesmo manifestações de uma dita "perversão narcísica". Embora tenha havido na literatura jurídica tentativas de se fazer diagnósticos estritos e classificações acerca das paixões violentas, ainda existe certa permeabilidade entre essas manifestações clínicas.

Segundo Levy e Gomes, (2011), o amor que leva uma pessoa a cometer um crime passionai é da ordem da paixão articulada topicamente ao eu ideal. O apaixonado projeta no objeto de sua paixão o eu ideal, como já dissemos anteriormente, forjado segundo o modelo onipotente do narcisismo infantil. Vale lembrar que o amor primário é selvagem, quer devorar, possuir, controlar o objeto e nega qualquer diferença. Ao mesmo tempo em que a plenitude do narcisismo primário exerce um fascínio e atração irresistível, o

criminoso passional vai tentar reassegurar esta ilusão de plenitude em um movimento compulsivo.

Seria possível escrevermos um trabalho inteiro somente sobre os crimes passionais e os sujeitos que os cometem, por isso, diante da complexidade do assunto, no momento, ficaremos por aqui.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho tentamos nos aproximar e compreender o fenômeno da paixão amorosa. Para isto, fizemos uso das teorias de diversos autores de diferentes áreas de conhecimento.

Primeiramente foi possível saber que existem processos psicológicos e biológicos de preparação do organismo antes que a pessoa se apaixone. Também já é de conhecimento da ciência que uma série de hormônios e neurotransmissores passam a funcionar de maneira mais intensa e diferente do habitual quando estamos apaixonados.

No senso comum, o conceito de paixão está diretamente ligado ao amor e pudemos verificar que nem sempre se deu desta maneira. A filosofia nos mostra que o conceito geral de paixão envolve diversos afetos e não somente o aspecto amoroso. Foi possível tomarmos conhecimento das abordagens de diferentes filósofos acerca das paixões e vimos que ela pode ser considerada um mal ou algo muito benéfico..

Segundo alguns autores psicanalistas, é possível considerar a paixão amorosa como um conceito próprio, diferente do amor. A psicanálise nos mostra também como o "destino" de nossas escolhas amorosas já foi traçado anteriormente em nossas relações mais primitivas sendo indissociáveis do fenômeno psíquico do narcisismo.

Também nos aprofundamos um pouco mais na íntima ligação entre a paixão amorosa e o sofrimento. Vimos que embora o sofrimento já esteja até mesmo implícito no significado da palavra paixão, a cultura ocidental passou a valorizá-lo quando o pensamos num sentido amoroso. Temos sobretudo na literatura, diversos exemplos de enaltecimento da paixão amorosa sofrível.

Tanto enaltecemos o sofrimento amoroso que muitos criminosos condenados por crimes passionais tiveram suas penas atenuadas. Este tipo de crime pode ser uma consequência extrema dos efeitos avassaladores da paixão amorosa. Como sugestão para um estudo que se aprofunde mais na temática dos crimes passionais, sugerimos a abordagem do conceito de erotomania, estudado profundamente pelo psiquiatra francês Clérambault (1872-1934).

Como pudemos constatar ao longo de todo o trabalho, o sujeito apaixonado passa a ter uma maneira peculiar de agir, pode acreditar que encontrou um sentido para sua vida, uma vez que, por certo tempo, realmente tem a sensação de completude: se tem o ser amado, nada mais lhe falta. O desejo proveniente da paixão busca a fusão total com o objeto.

Ainda encontramos certa dificuldade em diferenciar com mais precisão o amor da paixão amorosa segundo a psicanálise freudiana - isso pode acontecer porque Freud não o fez com muita clareza e então, se faz necessário nos basear na leitura de outros autores pós-freudianos. Alguns desses autores acreditam que o amor teria uma forma mais "tranqüila" pois implicaria na aceitação da alteridade; a idealização no amor não seria tão forte. Outra sugestão para um próximo estudo seria abordarmos o conceito de paixão amorosa segundo o psicanalista Jacques Lacan.

Sobre a paixão segundo a filosofia, caberia uma nova pesquisa apenas sobre este tema, uma vez que no presente estudo foi necessário selecionar os filósofos e fragmentos de suas teorias.

Basta observarmos a quantidade de autores, pesquisadores, livros, artigos, filmes, músicas, etc, que nos falam sobre amor para sabermos que tudo o que se refere a este tema (incluindo a paixão amorosa) sempre estará em pauta nas pesquisas, conversas e até mesmo nos noticiários.

Não temos dúvida da complexidade e da capacidade da paixão amorosa para movimentar e transformar (positiva ou negativamente) a vida de uma pessoa, como dissemos no início, ela dói de bom, arde de doce, queima, acalma, mata, cria.

7 REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

ALBERONI, F. **Enamoramento e Amor**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

ALCOFORADO, M. **cartas Portuguesas**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

ARREGUY, M. E. **O crime no divã**: fundamentos diagnósticos em passionais violentos. Estudos de psicanálise, Belo Horizonte, Julho 2012. 93-102. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0100-34372012000100009&script=sci_arttext. Último acesso: 20/05/2015.

AULAGNIER, P. **Os destinos do prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

BARTHES, R. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: francisco Alves, 1985.

BORDELOIS, I. **Etimologia das paixões**. Rio de Janeiro: Odisséia, 2007.

CAMBEIRO, D. Caminhos de eros sob a óptica da cristalização: uma mirada sobre as figuras literárias de Heloisa. **Revista brasileira de literatura comparada**, São Paulo, 2007. 75-93. Disponível em: http://www.abralic.org.br/download/revista/Revista_Brasileira_de_Literatura_Compaparada_-_10.pdf. Ultimo acesso: 20/05/2015.

DICIONÁRIO Houaiss: 2015. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/>. Ultimo acesso: 15/02/2015.

DICIONÁRIO Michaelis - português: 2015 Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/> . Ultimo Acesso: 15/02/2015.

ELUF, L. N. **A paixão no banco dos réus**. São Paulo: Saraiva, 2002.

FINZI, S. V. **Storia delle passioni**. [S.l.]: Laterza, 2004.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. In:_____. Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 14 (original publicado em 1914).

_____. Luto e melancolia. In:_____. Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 14 (original publicado em 1917).

_____. Psicologia de grupo e análise do ego. In:_____. Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 18 (original publicado em 1921).

_____. O mal-estar na civilização. In:_____. Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 21 (original publicado em 1929/1930).

GASSET, J. O. Y. **Estudos sobre o amor**. Rio de Janeiro: Livro Ibero - Americano Ltda, 1960.

GOENDER, M. E. O que será: indagações da paixão. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, julho 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372010000100012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Último acesso: 20/05/2015.

GORI, R. **A lógica das Paixões**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

JANKOWIAK, W. R.; FISCHER, E. F. A cross-cultural perspective on romantic love. **Ethnology**, 31, Abril 1992. 149-155. disponível em: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/3773618?uid=2134&uid=393248141&uid=2&uid=70&uid=3&uid=393248131&uid=60&sid=21106438232871>. Último acesso: 20/05/2015

KEHL, M. R. **A psicanálise e o domínio das paixões**. In: Os sentidos da paixão. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LACERDA, T. M. **As paixões**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LEBRUN, G. **O conceito de paixão**. In: Os sentidos da paixão. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

LEJARRAGA, A. L. **Paixão e Ternura**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

LEVY, L.; GOMES, I. relações amorosas: rupturas e elaborações. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, 43.I, 2011. 45-57. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382011000100003. Último acesso: 20/05/2015.

MANNONI, O. **Isso não impede de existir**. Campinas: Papirus Editora, 1991.

MARAZZITI, D. **A Natureza do Amor**: Conhecendo os sentimentos para vivê-los melhor. São Paulo: Atheneu, 2007.

MOURA, D. F. G. **A paixão amorosa e a fantasia**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2007. Disponível em: <http://www.pgpsa.uerj.br/dissertacoes/2007/diss-danielle.pdf>. Último acesso: 20/05/2015.

NASIO, J. D. **O livro da dor e do amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

NICÉAS, C. A. **Introdução ao Narcisismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

PERRIER, F. **Ensaio de clínica psicanalítica**. São Paulo: Escuta, 1992.

PIQUET, G. J. C. Algumas considerações sobre o estágio do espelho. **Documentos**, Rio de Janeiro, n. 13, 2000. Disponível em: <http://otimizeinformatica.winconnection.net:82/sistema/corpo Freudiano/publicacoes/on%5COUTRAS%20PUBLICA%C3%87%C3%95ES%5CGeraldo%20Jos%C3%A9%20da%20Costa%20Piquet/ALGUMAS%20CONSIDERA%C3%87%C3%95ES%20SOBRE%20O%20EST%C3%81DIO%20DO%20ESPELHO.pdf> Último acesso: 17/06/2015.

RIBEIRO, R. J. **A paixão revolucínária e a paixão amorosa em Stendhal**. In: Os sentidos da Paixão. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ROCHA, Z. **Paixão Violência e Solidão**: o drama de Abelardo e Heloísa no contexto cultural do século XII. Pernambuco: Universidade Federal de Pernambuco, 1996.

ROCHA, Z. Desamparo e metapsicologia: para situar o conceito de desamparo no contexto da metapsicologia freudiana. **Síntese - revista de filosofia**, Belo Horizonte, 26, 1999. 331-346. disponível em: <http://faje.edu.br/periodicos2/index.php/Sintese/article/download/761/1194>. Último acesso: 20/05/2015.

ROCHEDO, A. A química da paixão. **Super Interessante**, v. 224 A, Março 2006. Disponível em: <http://super.abril.com.br/cotidiano/quimica-paixao-446309.shtml>. Último acesso: 20/05/2015.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

ROUGEMONT, D. D. **O amor e o ocidente**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1972.

SANTOS, R. A. D. Sobre a doutrina das paixões no estoicismo, Campinas, 2008. Disponível em:
<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000439214>. Ultimo acesso em: 20/05/2015.

SCHÖPKE, R. **Dicionário Filosófico**: conceitos fundamentais. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SILVA, M. H. D. B. E. **A paixão silenciosa**. São Paulo: Escura, 2002.

STENDAL. **Do Amor**. Porto Alegre: L&PM, 2007.